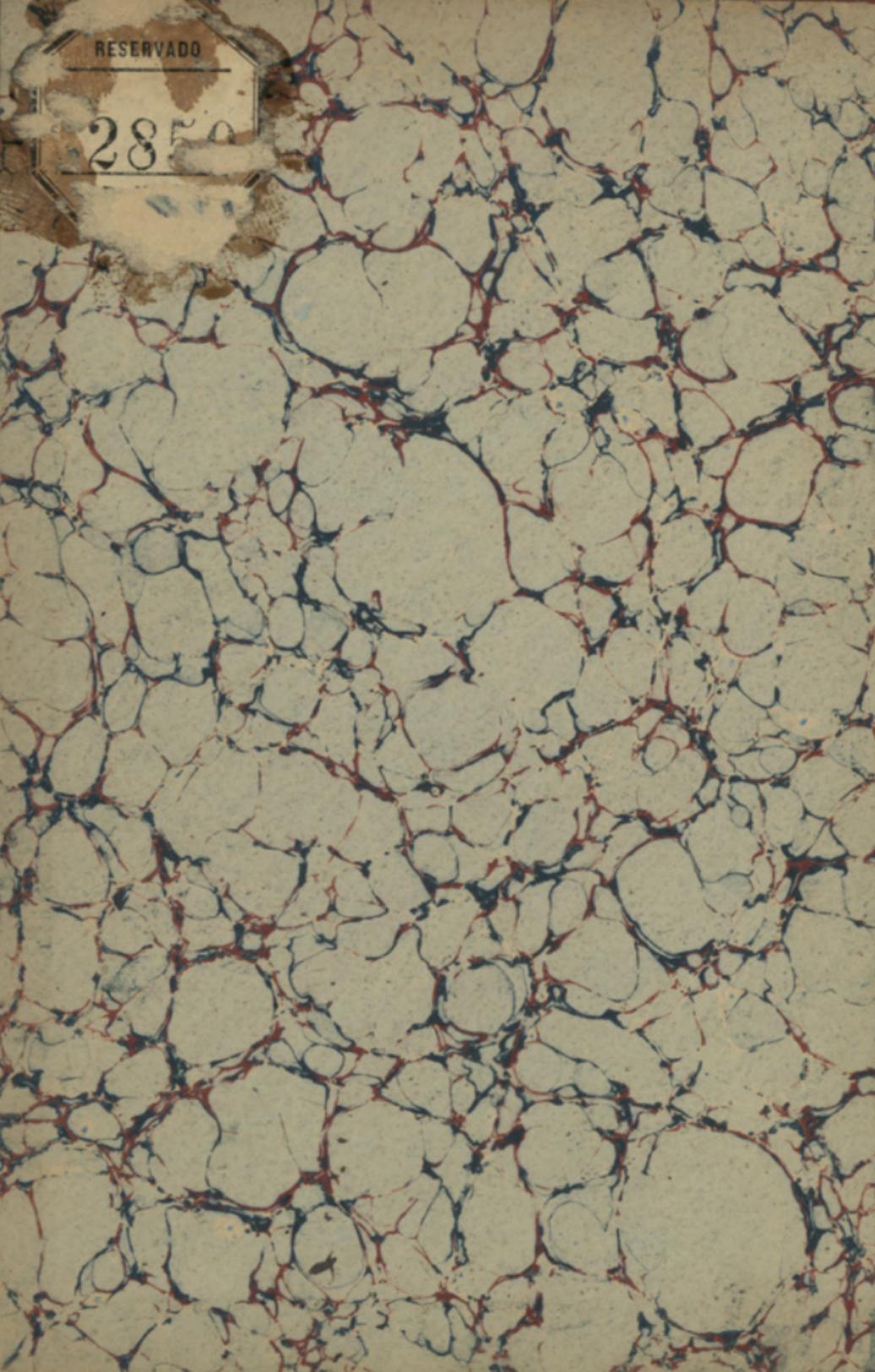
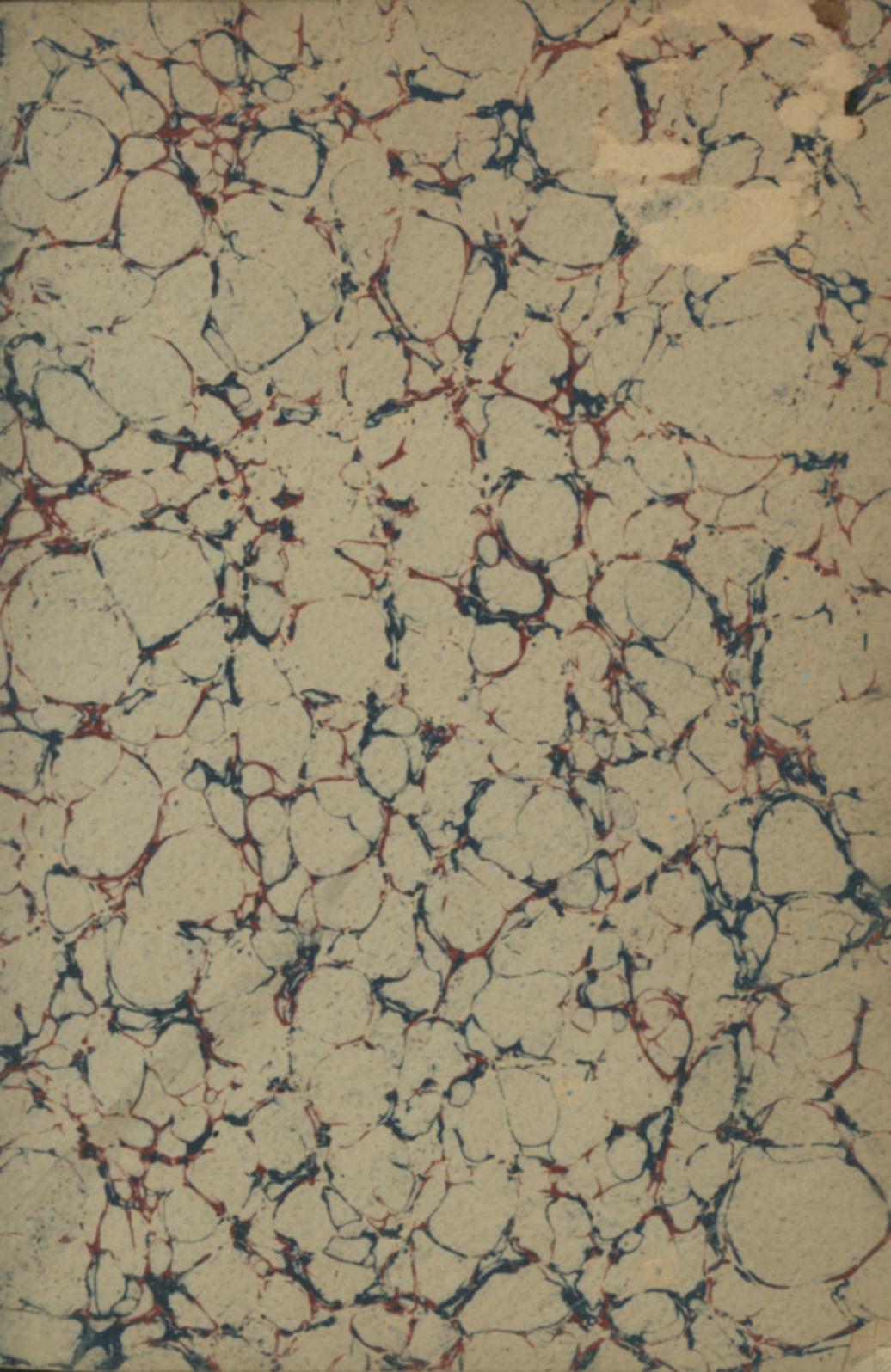




RESERVADO

2850





Rev. 2850 p.

O RETRATO DE VENUS,

em verso

POEMA

EM HONRA DA SIVA LEITÃO

FALMEIDA GARRETT.

O RETRATO DE VENUS.

COIMBRA,

IMPRIMTA DA UNIVERSIDADE

1871

O RETRATO DE VENUS.

O RETRATO DE VENUS,

Res. 2850 f.

P O E M A

POR J. B. DA SILVA LEITÃO
D'ALMEIDA GARRETT.

COSTA LOBO

C O I M B R A,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ANNO I. (1821)

O RETRATO DE VENUS.

POEMA

POR J. B. DA SILVA LEITÃO
D'ALMEIDA GARRETT.

COSTA 1030

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

Anno I. (1821)

A AMOR ; E Á AMISADE ;

A ANNALIA ,

E AOS SEUS AMIGOS

CANTO PRIMEIRO.

D. E C.

J. B. S. L. A. GARRETT:

WAMOR, E. / AMERDE

A. A. HALL

E. A. O. S. S. S. S. S.

D. C.

J. B. S. A. GARRETT

CANTO PRIMEIRO.

O RETRATO DE VENUS,

POEMA.

While it pursues

Things unattempted yet in prose, or rhyme.

MILT. *Parad. lost*: book I, v. 14.

CANTO PRIMEIRO.

DOce mãe do universo, ó natureza,
Alma origem do ser, germe da vida,
Tu, que matizas de verdor mimoso
Na estação do prazer o monte, o prado,
E á voz fagueira de celeste gôso
De multimodos entes reproduzes
A variada existencia, e lha prolongas;
Que, no fluido immenso legislando,
Libras sem conto ponderosos mundos,
Que na ellipse invariavel rotão fixos,
O' alma do universo, ó natureza,

Teus sacros penetraes em vôo ardido
 Busco, rasgo-lhe o véo, prescruto, e vejo
 Insondaveis mysterios: puro, e simplez
 Nunca ouvidas canções na lyra entôo.
 Nua d'enfeites vãos a face amena
 Tu volve ao mundo, que te ignora errado.
 Qual és, qual foste, qual te appura os mimos
 A arte engenhosa, tu lhe amostra, e ensina.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas
 C'ò divino pincel, co'as magas tintas
 Estremar com primor, colher-lhe o bejo,
 Sem donosas ficções meu canto ensine.

Ficções!... E aureas ficções desdenha o sabio?
 A douta, a mestra antiguidade o diga.
 Não; fabula gentil, volve a meus versos;
 Orna-me a lyra c'os festões de rosas,
 Que ás margens colhes da Castalia pura:
 Flores, que outr'ora de Epicuro ao vate
 C'ò austero assumpto lhe entrancaste amenas,
 Essas no canto me desparze agora.

Venus, Venus gentil! — Mais doce, e meigo
 Soa este nome, ó natureza augusta.
 Amores, graças, revoae-lhe em torno,
 Cingi-lhe a zona, que enfeita os ollhos;
 Que inflamma os corações, que as almas rende!
 Vem, ó Cypria formosa, oh! vem do Olympo,
 Vem c'um mago sorrir, c'um terno bejo

Fazer-me vate, endeusarme a lyra.

E quanto pódes c'um sorriso , ó Venus !
 Jove , que empunhe o temeroso raio ;
 Neptuno as ondas tempestuoso agite ;
 Torvo Sumano desenfreie as furias ...
 Se dos olhos gentis , dos labios meigos
 Desprender um sorriso a Idalia deusa ,
 Rendido é Jove , o mar , o Averno , o Olympo .

Mas quanto é bello , é grato o vencimento ,
 Se á dor suave do pungir fagueiro ,
 Da ferida se encontra amigo balsamo ,
 E nos olhos da linda vencedora ,
 Do ardimento o perdão brando se acolhe !
 Tu , Marte , o dize , o Cyprio moço , o Teucro ;
 E vós , que ousais na terra imitar numes ,
 Que do summo prazer rompendo arcanos ,
 N'um momento gosais da eternidade .

Emquanto nas lidadas officinas ,
 Forjando o raio vingador dos numes ,
 Vive o coxo marido sem receios ,
 Já deslembrado da traidora rede ;
 Do Cynireo mancebo entre os abraços ,
 Jaz a espôsa gentil ennamorada .
 Nas languidas pupillas lhe transluz
 O prazer divinal , que a opprime , e anceia ;
 Nos inflammados bejos , nas caricias ,
 No palpitar do seio voluptuoso ,

No lascivo apertar dos braços niveos,
 Nos olhos, em que a luz quasi se extingue,
 Na interrompida voz, que balbúcia,
 Nos derradeiros ais, que desfalecem . . .
 Quem do prazer não reconhece a deusa
 No excesso do prazer quasi espirando?
 Surri-lhe ao lado o filho de travesso,
 E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
 C'o estremecido arrullo a dona imitação.

Ah! se o gôsto supremo a um deus não peja,
 Porquê mesquinhas leis nos vedão bárbaras
 Tam snave pecar, doce delicto,
 Antes virtude, que natura ensina.

Dest'arte as breves horas decorrião
 Aos alheados, férvidos amantes;
 E vezes tres rotára o disco argenteo
 Trivia gentil, semque no Olympo, ou Lemnos
 A espôsa de Vulcano apparecesse.

Ja na etherea mansão vagos juizos
 Maliciosos forma a inveja, a intriga;
 E sorriso maligno ás deusas todas,
 Do marido infeliz excita o fado.

Em zelosa vingança affana, e freme
 O despeitoso Marte; corre, voa,
 E em busca da infiel vagueia o mundo.
 Coxeando o segue o malfadado espôso,
 Dos antigos erros esquecido

Tal é, paixão zelosa, o teu imperio!

Eis do somno d'amor espavoridos,
 Os dous amantes c'o ruido accordão.
 De pavor esmorece o joven timido;
 Por elle aneia a carinhosa amante,
 Descuidosa de si; geme, soluça,
 E do amado na dor, sua dor recresce.
 Que fará?.. vacillante... Adonis... Marte...
 O espôso... Ideias, que alma lhe confundem!
 Com o amante ficar, morrer com elle?
 Defender com seu peito, o peito amado?
 E salva-lo é possível, desta sorte?
 Deixa-lo?... Fera ideia!.. Ir as suspeitas
 Dos numes dissipar com sua presença?
 Que! deixa-lo! o seu bem! Venus a Adonis!
 Tanto não pôde a mesma divindade.

Mas, este só lhe resta nico meio:
 É forçoso: comsigo ao carro o sobe;
 Voa a Paphos, e ás Graças lisongeiras
 O precioso pinhór saudosa entrega,
 Que n'um basto rosal mimoso o guardem,
 Velem sempre por elle, té que aos deuses
 Se esvaeça o furor. Subito ao Olympo,
 Composto o vulto, serenando os olhos,
 N'um momento chegou: mago atractivo
 Que lhe spira dos labios das pupillas,
 Do todo encantador, odios, suspeitas
 Desfaz, esquece em animos divinos:

Tam pouco, ó bellas, persuadir-nos custa!

Arde voltar ao suspirado asylo;
 Mas teme a veção desconfiados olhos;
 E em tanto Adonis geme, e o seu tormento
 Mais que o proprio penar lhe punge n'alma.
 Disenhos volve... Alfim um lhe suscita
 Novo a mente engenhosa: ei-lo abraçado,

Jaz muito alem do tormentorio cabo,
 (Sempiterno brasão da Lusa gloria)
 Em não sabido mar, jamais sulcado,
 Ilha apprazivel, deliciosa, e breve.

A mão dos homens destruidora, e bárbara,
 Mimos da criação não lhe estragára.
 A seu grado crescia o bosque, a selva;
 Vecejava sem leis o prado ameno;

D'alvas pedrinhas pelo leito amigo
 Se espriguiçava o crystalino arroio,
 Sem temer que impia dextra ouse perversa,
 No brando curso interromper-lhe as aguas.

Prêsas não gemem fugitivas Nayas,
 Nem Dryades gentis feridas chorão:
 Sem arte a natureza éra inda a mesma,

No mais escuro do copado bosque
 Ternas suspirão maviosas rôlas;
 E em mais alegres sons, prazer mais ledo,
 A meiga ave d'amor no arrulho exprime.

Outro vivente algum a aura fagueira
 Não ousa respirar. Silencio eterno

Impéra na soidão, dobra-lhe encantos.

Tam suave mansão nem mesmo os nunes

No ceo conhecem. Da ternura a deusa,

Só Venus sabe do recanto ameno.

Tu, do universo creador principio,

Venus! oh mãe d'amor, oh mãe de tudo!

Que amor é tudo, que só tu com elle,

Ambos creastes, e regeis o mundo,

Que a natureza sois, ou ella é vossa:

Cypria, Cypria gentil, pódes acaso

Ignorar uma só das obras tuas?

« Mãe, (lhe diz, entre alegre, e malicioso,

Mas compassivo, o filho) nessa ignota

« Ilha do Indico mar... » — Um doce beijo

O concelho pagou. — Subito parte.

Lá chega; e nova se difunde a vida

Na solitaria estancia; em novos germes

O deleite, o prazer renascem, pulão.

Quam doces d'antemão gosou delicias

A mui fagueira deusa! O sitio ameno

Extasiada contempla. « Oh! quam ditosos

(Clamou) » seremos! Ignorado, occulto,

« O' doce amante, viverás sem medo.

« Aqui, no seio da ventura, e gôso,

« Nos meus braços!... » Parou suspensa, e geme:

Cruel lembrança lhe assomou na mente;

Agros deveres, perfidas suspeitas,

Quantas vezes do amante hão de aparta-la!
 Suspira: as rosas do prazer se esvaem
 Das lindas faces niveas. Pensativa,
 Melancolica, e triste. . . . Eis (fausto agouro!)
 Estremecido arrulho alvas pombinhas
 Derão á sestra mão. Ah! sim: é elle:
 Amor apoz a mãe veio, ajuda-la.

- « Filho (co'a voz lhe diz, que impera em Jove)
 » Que tam suave rege a natureza)
 » Tu me feriste: não accuso o golpe:
 » Amo, adoro esse ferro, que me punge,
 » Que na chaga, que abriu, doçura entorna;
 » Só quero, só te peço (que não peja)
 » De implorar-te soccorro a mãe ferida)
 » Derradeira mercê: oh! deixa um pouco
 » D'humanos corações facil conquista:
 » Cesse qualquer amor quando ama Venus!
 » A culta Europa rapido discorre,
 » E a progenie d'Apollo almos, divinos,
 » Os pintores me traze aqui n'umponto.

Pasmou c'o rôgo inesperado o númen:
 A causa inquire. « Ah! não: (lhe torna a deusa)
 » Não cumpre ainda revelar-ta, ó filho;
 » Cubra o véo do mysterio o doce intento.»
 Mal disse: e o raio mais veloz não rue
 Da rubra dextra do tonante irado,
 Do que a turba dos candidos amores

A' voz da deusa fende os ares liquidos,
 Quaes voão de Minerva ao sabio clima,
 Hoje torpe, e servil c'o bruto imperio:
 Quaes á augusta senhora do universo;
 Senhora, emquanto Roma era inda Roma:
 Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco:
 A' formosa Bolonha, á grão Veneza;
 Grande emquanto reinou sobre o Oceano:
 Quaes á suberba Gallia, á Iberia, a Lysia;
 Que de Lysia tambem, tam cara ás musas,
 Da poesia a rival, a irman tem filhos.

De toda a parte a obedecer contentes
 Correm ao mando de Cyprina bella,
 Da natura em despeito, homens creadores,
 Prometheus, que á materia informe, e bruta
 C'o divino pincel dão forma, e vida;
 Erguem da campa gerações extinctas;
 Plantão copados, que enflorêo, bosques;
 Co'a viva historia os homens eternisão;
 E, fitando no ceo audazes vistas,
 Aos pasmados sentidos appresentão
 Visivel, sem rebuço a divindade.

Da fertil em prodigios, d'alta Grecia
 O pae d'arte divina, Appelles marcha,
 Thimante, Zeuxis, e Parrhasio, e quantos
 A culta Grecia, a deliciosa Roma
 Famosos produziu em sec'los d'ouro.

Cimabúe famoso apoz caminha ,
 Que as esfriadas cinzas animando
 Do engenho , do talento , o faxo vívido
 Fez na Europa brilhar , e abriu de novo
 O caminho gentil da natureza
 Do barbaro furor fexado , ha muito.

Aos golpes crebros , incessantes , duros
 Da ferrea mão do avaro despotismo ,
 Sem fôrças , sem vigor jazia , ha muito ,
 A misera Bysancio. Em surda guerra
 Fallaz superstuição d'infames bonzos ,
 Fanatismo cruel , bifronte , e iniquo ,
 Hypocrisia vil , perfida , e dobre
 Ruina infausta lhe apressava , e morte.
 A'vidos sorvos de Roman cubiça ,
 Da Latina ambição , riquezas , pompa
 Roubado havião insaciaveis , féros
 De Constantino á côrte. Espessa nuvem
 De negros vicios , de perversos crimes
 Pousou medonha sobre os tristes netos
 Degenerados , vis d'um povo illustre.
 Crestadas , sêcas pelo sôpro ardente
 Da tyrannia atroz definhão , morrem
 Apesinhadas as virtudes candidas ;
 Ao cûmulo chegou desdita , opprobrio
 Dos fados teus , ó Grecia. Eis ante as portas
 Da famosa cidade , audaz , superbe
 Musulmano feroz , Mahometh se ostenta.
 Monstros , que o sangue do mesquinho povo

Impios bebestes, ah! tremei, que é elle ;
Austero açoite das celeste iras
Sobre vós descarrega a mão divina.
Bonzos , no centro aos claustros profanados
Embalde a frente d'horridas maldades
Carregada escondéis: lá vai , lá chega ;
Sobre as aras d'um deus, a um deus, que ousastes ;
Incençando-o , offender , lá vos immola.

Artes , sciencias, a guarida extrema ,
Perdeste'-a em fim : voltai , fugí ; que Hesperia
Os carinhosos braços vos estende.
Ei-las : oh ! folga , venturosa Europa.
Lá cai a pouco e pouco em terra o throno
Da barbara ignorancia : as trevas do êrro
Vai accossando da verdade o faxo.

Arte divina , magica pintura ,
Foragida tambem , thesouros , mimos
Vens espalhar na mui ditosa Italia.
Italia ! oh ! folga : Raphaelis ja pulão.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO.

Alma origin da lex; genus da rida.

Per se quisque gram como originada
Concipitur, vixit que exortum leuicy solis;

NOTAS AO C. I.

Locutus de res, dat. Lib. I.

Quis na ellipse inuoluntaria fixat.

Todos sabem, que tal é a oração; que todos os elementos
descrevem.

*Qual is, qual form, qual se appare no tempo
e de que originada.*

Antes repetitio sunt, deinde estere.
Cic. de leg. Lib. I, 2.

Como é dado nos manuscritos belleros.

Nota, lendo da mesma, etc. (De rebus) que se
isto deve conceitar pelo que, não proficiat e que
não tem entre obiecto, modo e prater; mas é que que
se contém é semelhante da bella imperata. Esta continência

NOTAS AO C. I.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO.

» *Alma origem do ser , germe da vida.* »

. . . Per te quoniam genus omne animantium
Concipitur , visit que exortum lumina solis ;

. tibi suaves dedala tellus
Summittit flores.

LUCRET. *de rer. nat.* Lib. I.

» *Que na ellipse invariavel rotãõ fixos.* »

Todos sabem , que tal é a orbita , que todos os planetas
descrevem.

» *Qual és , qual foste , qual te appura os mimos*
» *A arte engenhosa.* »

Artes repertae sunt , docente natura.

CIC. *de leg.* Lib. I , 8.

» *Como é dado aos mortaes bellezas tuas.* »

Platão , fallando da musica , diz : (*De republ.*) que se
não deve conceituar pelo prazer , nem preferir a que
não tem outro objecto , senão o prazer ; mas a que em
si contiver a similhaça da *bella natureza*. Esta sentença

é perfeitamente applicavel á pintura. E tal é d'ha muito a opinião de todos os rhetoricos, e philologos. (Vid. Aristot., Le Batteux, Laharpe, Lemercier, etc.) Não nos enganemos poreu com ésta — *natureza bella*. — Nem só aquillo, que tem *bellas*, e lindas formas, é *bello*; e nem tudo aquillo, que as tem, o é. Boileau o declara manifestamente, e o prova:

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui, par l'art imitée, ne puisse plaire aux yeux.
D'un pinceau delicat l'artifice agréable
Du plus affreux object fait un object aimable.

BOILEAU: *Art Poet.* Chant 3.

» *A mestra, a sabia antiguidade o diga.* »

Quid virtus, et quid sapientia possint
Utile proposuit nobis exemplar.

HORAT. *Ep.* II, L. 16

. . . Fabularum cur sit inventum genus,
Brevi docebo. Servitus obnoxia . . . etc.

PHOEDR. Lib. III, prologa

» *Não: fabula gentil, volve a meus versos.* »

. . . Et, s'il est vrai, que la fable autrefois
Sut à tes fiers accents mêler sa douce voix;
Si sa main délicate orna ta tête altière;
Si son ombre embellit les traits de ta lumière,
Avec moi sur tes pas permets-lui de marcher
Pour orner tes attraits, et non pour les cacher.

VOLTAIRE: *Heur.* Chant I.

Così a egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gl'orli del vaso, etc.

TASSO: *Gerusalem.* Cant. I, stanz, 3.

» . . . O Cyprio moço , o Teucro . »

Adonis , filho de Cyniras , rei de Chypre (*Cyprum*) An-
chises , Troiano etc.

Achises conjugio Veneris dignate superbo.

VIRG. *Æn.* Lib. 2^o

» Em quanto nas lidadas officinas . »

Retambão nas lidadas officinas

Echos gostosos das nascentes almas ,

Que novos corpos a habitar caminhão

FILINT. ELYS. *Ode a Venus* (Tom. 5.)

» C'o-estremecido arrulho a dona imitação . »

Presentem ja no estremecido arrulho

Os propinquos prazeres.

FILINT. ELYS. *ibid.*

» Porque mesquinhas leis nos vedão barbaras

» Tão suave pecar . . . »

Se il pecar é si dolce ,

E'l non pecar si necessario ; o' troppo

Imperfetta natura ,

Che repugni ala legge !

O' troppo dura legge ,

Che la natura offendi !

GUARINI : *past. fids*

Se este crime é tam doce ,

Se tanto fugir delle é necessario ;

Imperfeita parece a natureza ,

Que fraca á lei repugna ,

Ou lei muito severa ,

Que a natureza offende.

Traducc. de THOME JOAQ. GONZAGA

» *E do amado na dor, sua dor recresce.* »

Che l'esempio del dolore
E' un stimolo maggiore,
Che richiama a sospirar.

METASTAZ: *Artass.* atto I.

» *Dos antigos errores esquecido.* »

Errores é usado por Camões no sentido de — *longas, e desvairadas viagens* —; Ferreira porem; e outros classicos de igual nota o tomárão na mesma accepção, em que aqui se toma.

» *Como o amante fugir, morrer com elle?* »

Uma deusa não póde morrer: me diz ja algum critico, muito contente do quinau. Assim é, Sr. critico; mas no delirio das paixões quem se lembra da sua natureza? — Uma deusa com paixões! — Os deuses da mythologia, os numes dos Gregos, e Romanos não são o mesmo, que o deus do philosopho (digno de tal nome) que, satisfeito de reconhecer a existencia d'um ente supremo, pára, onde se lhe acabão as fôrças, nem prosegne em investigações, onde se lhe apaga a luz da fraca razão; nem empresta á desconhecida causa das causas os habitos, as paixões, a fórma, e toda a natureza da fragil, e apoucada humanidade. O orgulho de se occultar a si proprio a sua fraqueza, e de abaixar até á sua mesquinhez a ideia de deus, por não poder subir até á altura della, nasce da nossa vaidade, da nossa ignorancia, e da nossa miseria. Por isso os theologos desbocadamente nos pintão, e nos querem fazer crer em um deus vingativo, irado, e capaz em fim de todos os crimes, e vicios, que elles em sua alma alimentão, e nos querem vender por virtudes.

» . . . *Comsigo ao carro o sobe.* »

Sobir é um verbo neutro; mas é este um idiotismo bem notavel da nossa lingua; usar de taes verbos com força activa, como o fazem os nossos classicos a cada passo.

» *Que lhe spira dos labios das pupillas.* »

Aquelle não sei que,
Que *spira* não sei como,
Que invisivel sahindo, a vista o vê.

CAMÕES: *Ode 6.*

Spirem suaves cheiros
De que se encha este ar todo.

FERR. *Castr. act. I.*

» *Arde voliar ao suspirado asylo.* »

. . . Jam dudum errumpere nubem
Ardebant.

VIRGIL. *Æneid. L. I, v. 580.*

» *Disenkos* *volve* » . . . »

Esta palavra mui portugueza, e antiga (embora de origem estrangeira) não é gallicismo; exprime bem o — *dessein* — francez, e tem por si a auctoridade d'um escriptor bem notavel, e bem antigo, qual é Damião de Goes. (v. *Chron. de D. Man. part. I, cap. 4, e passim.*)

» *Que tam suave rege a natureza.* »

. . . Omnis natura animantium
Te sequitur cupide.

LUCRET. *Lib. I, v. 15.*

» *Mal disse ; e o raio mais veloz não viu.* »

Este verbo muito adoptado por Filinto Elysio, e pelo erudito traductor da lyrica de Horacio, Antonio Ribeiro dos Santos; e cujos compostos, e derivados ja tinhamos (*correr, decorrer etc.*) tem todas as qualidades necessarias para sua naturalisação.

» *Da rubra dextra do tonante irado.* »

Et rubente
Dextra sacras jaculatus arces
Terruit urbem.

HORAT. Od. 2, Lib. I.

» *A' voz da deusa fende os ares liquidos.* »

Per liquidum aethera:

VIRG. *AEn.* Lib. I.

» *Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco.* »

Florença na Toscana, ou antiga Etruria, dita *mysteriosa* em razão dos seus augures.

» *A' formosa Bolonha* »

De Bolonha conta Ganganelli (ou antes Carracioli) nas suas cartas, que um Portuguez, encantado de sua belleza, exclamara: « Não se devia mostrar senão ao domingo. »

» *E fitando no ceo audazes vistas.* »

Coelum ipsum petimus stultitia

HORAT. Lib. II, Ode

» *Aos golpes crebros, incessantes, duros.* »

O imperio Grego acabou em 1448 pela morte do ultimo Constantino, e entrada de Mahometh II em Constantinopola, a cujos muros se limitava, ha muito, o vasto imperio Grego, e Romano. Os horrores desta tomada de Cp., a immensidade de famillias que fugirão para a Italia, e principalmente para Veneza, Genova, e Florença, o adiantamento, que este successo causou ás sciencias, e artes do occidente; são cousas sabidas de todo o mundo. (Vid. Anquetil: precis de l'hist. univers. tom. 4, pag. 249, etc. e Chateaubriand Genie du Christ. part. 3, lib. I.)

~~~~~  
CANTO SEGUNDO.

Los Estados Unidos de América

El presente es un extracto de los documentos que se han reunido en el archivo de la Secretaría de Estado de los Estados Unidos de América, relativos a la historia de la ciudad de San Francisco, California, desde su fundación en 1776 hasta el presente. Este extracto contiene una descripción detallada de la vida social, económica y política de la ciudad durante este período. Incluye información sobre la inmigración, el comercio, la agricultura y la industria, así como sobre los conflictos y acuerdos que se produjeron entre los colonos y las autoridades españolas y estadounidenses. El texto está organizado en capítulos que abarcan diferentes etapas de la historia de la ciudad, desde su fundación por Juan Bautista de Anza hasta su incorporación a los Estados Unidos en 1845.

San Francisco, California, 1845

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Washington, D.C., 1845

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.

Este documento es propiedad de la Biblioteca del Congreso y no debe ser reproducido sin el consentimiento escrito de la misma.



CANTO SEGUNDO.

# O RETRATO DE VENUS,

## CANTO SEGUNDO.

**M**As eis, distinctos esquadões formando,  
As escholas assomão; reina entre ellas  
Vivaz emulação, que gera os sabios:  
Vão-lhe na frente os affamados chefes,  
Que a patria honrarão c'o pincel divino.

No bello antigo modelando as graças,  
Que em mais sabio pincel, mais bellas surgem,  
A frente airosa sobre erguendo ás outras,  
Vem tribu excelsa dos Romãos pintores.

Derão-lhe o grau supremo ardua sciencia  
Das atitudes, d'expressão, verdade,  
De audaz composição, nobre elegancia,  
O correcto desenho, e puro, e grave,  
E quanto inspira Apollo ás almas grandes,  
Em extasi sublime altas ideias.

É filho seu (que mais sobeja glória!)  
Raphael, o divino, o mestre, o numen  
Da moderna pintura, eterno brilho,  
Que os Apelles offusca, e Roma, e Grecia;

Que, as barreiras transpondo á natureza,  
 Olhou de face a face a divindade,  
 E as glórias do Thabôr fez ver ao Tybre,  
 E aos d'arte amantes desejar com Pedro  
 Junto ao prodigio habitação ditosa. (\*)

Julio o mestre imitou, foi digno d'elle:  
 Forte, ardida expressão lhe anima os traços,  
 Que ás proficuas lições dão glória, e lustre.

Em cêrca aos muros da gentil Parthénope,  
 Onde apprimora a natureza os mimos,  
 E a voz do creador soou mais bella,  
 Onde, entre montes de sulphureas cinzas,  
 Umas sobre outras, as cidades jazem,  
 E a rôdo os d'atro fogo horridos rios  
 A poetiças ficções dão ser terrivel;  
 Alli, silencio eterno ergueu severo  
 Religiosa mansão; firmou lhe as bases  
 Austera, descarnada penitencia.  
 Sobre as azas do ingenho, á voz d'um numen,  
 Vigoroso, expressivo Spanholeto,  
 Lá foste, e a assomos do pincel terrivel  
 Em longas vestes surgem, pulão, vivem  
 Fatidicos anciãos; ás portas velão  
 Da estancia outr'ora silenciosa, e sancta.  
 E quando atroz, hypocrita veneno,  
 Lavrando a furto sob o sacco, e cinza,

(\*) A transfiguração de Raphael.

Os muros profanou, que ergueu virtude,  
 Inda no mesto panno afflictos súão;  
 E a gloria do pintor fulge entre o crime. (\*)

Fostes, como elle, heroes da arte divina,  
 Polidoro gentil, vivaz Fattore,  
 Saliente Caravagio, que exprimiste,  
 Senão bella, fiel a natureza.

Nobre, altivo Cortona, quanto vivem  
 Scenas famosas da nascente Roma!  
 Nas mães trementes, pallidas filhinhas  
 Ve como a mesma dor redobra encantos!  
 E o fero aspeito dos Quirinos Martes,  
 Onde, a furto da glória, amor scintilla!  
 Ah! proximo o prazer vai dar ao mundo  
 Prodigios de valor, extremos d'honra,  
 Prole Romana. Eis o universo em ferros. (\*\*)

Amavel, terno Sáchi, ati sorrirão  
 Do mago cinto de Erycina as graças;  
 Meigos, suaves dons te esparzem n'alma,  
 Que nos quadros gentis reflectem doces.  
 Belligero Cerquozzi, avulta aos olhos  
 Brandir no panno, lanpejar mil ferros,  
 E aos roucos sons da sanguinosa guerra,  
 Entre as phalanges baralhadas rôtas,

(\*) Quadros dos prophetas por Spanholetto, na cartucha de Napoles.

(\*\*) O roubo das Sabinas por Cortona.

Entre abysmos d'horror alçar-se a morte. (\*)

Quam magos fulgem divinaes, sublimes,  
 Maratti encantador, facil Giordano,  
 Mimoso Dolce, e vós, que á nova Roma,  
 Ingenhos tantos, insondaveis, grandes,  
 Por guerreiros tropheos, suberbos róstros,  
 Triumphos cem do ovante Capitolio,  
 Dais, se menos viril, menos heroico,  
 Ornamento gentil, belleza, encantos.

Ja de accurvados reis não brilha o fasto  
 Da escravidão contentes ; não se antolha  
 Em cada senador um nume, um Jove.  
 Ja nas praças, nos templos não campeião  
 Os despojos do mundo ; o Cyrco, o Fóro,  
 Prodigios d'arte, da opulencia, e luxo,  
 Da barbara ignorancia ás mãos cedêrão.  
 Cheio de Livio o viajante absorto  
 Não ve do Capitolio a frente erguida  
 Torreada avultar com ferros cento,  
 Não ve povo d'herões girar-lhe entôrno ;  
 Da inesp'rada mudança pasma, e geme,  
 E no centro de Roma, a Roma husca.  
 Porem, se amiga mão lhe guia os passos,  
 Se o Vaticano, e mil prodigios nota,  
 Que do antigo esplendor moderão fama ;  
 Então Roma conhece, então venera

(\*) Pintor de batalhas.

Nobres resquícios de gloriosos évos.

Taes da moderna Roma os filhos ião  
 Por travesso menino conduzidos ;  
 E d'altiva belleza ornada a frente ,  
 A magestosa , Florentina eschola  
 De perto os segue : no atrevido ensejo  
 Parece disputar-lhe o grau supremo.  
 Co'a sublime expressão , desenho ardido ,  
 Gigantesca maneira , audaz , mas bella ,  
 Se antolha ennobrecer a natureza.  
 Brandas graças d'amor , ternura , encantos  
 Feroz desdenha ; só lhe avulta á mente  
 O nobre , a pompa da ideal grandeza.

Não foi sobre o Synai mais formidavel ,  
 Que d'Angelo entre as mãos , Moysés terrivel ;  
 Nem lá no extremo , derradeiro dia  
 Julgamento final será mais horrido.  
 C'o deus , que o peito vos perturba , anceia ,  
 Mais pavorosas não rugis , Sibylas.  
 Da mão nervosa cada traço e raio ,  
 Que espanta os olhos , que deslumbra a mente ;  
 Que enxophrado clarão , medonhas larvas  
 Em todo o horror do Averno ostenta horridel ;  
 Que , se um deus pinta , é do castigo o numen ,  
 Que em longa geração pune um só crime ,  
 O deus , que no deserto , entre os relampagos ,  
 Entre o rouco estampido das trombetas ,  
 Pela voz do trovão legisla ao mundo.

Eis , desdobrando hydraulicos segredos ,  
 E as mechanicas leis com sabia dextra  
 Movendo a seu sabor , á glória sua ,  
 Vinci tam caro aos reis , de o ser tam digno.  
 Seu correcto , purissimo desenho ,  
 Engenhoso compor o eleva aos astros ,  
 Aos astros , onde fôra em voo ardido  
 Os pinceis escolher , buscar as tintas ,  
 Comque d'ultima ceia debuxára  
 Amor , transportes , mysteriosas scenas.  
 Ah ! gire o teu prodigio o mundo inteiro ;  
 E de grado a razão cede ao mysterio.

Côres roubando á natureza , e mimos ,  
 Bello como ella , o inimitavel Porta  
 Ao gelado silencio de ermo claustro  
 Chamou das nove irmans o chôro arguto.  
 Urbino o conheceu ; e o sceptro augusto  
 Curvou ante elle ; e , confundindo os raios ,  
 Os dous d'alma pintura astros brilhantes ,  
 Sem negro eclipse , scintillárão juntos.

Vens , ó Sarto , apoz elle , ameno , e brando ;  
 Vens , Peruzzi gentil , fertil Pantorma ,  
 Que ao nobre assômo do pincel nervoso ,  
 C'o doce encanto das mimosas tintas  
 Fizeste a Raphael , a Buonarroti  
 D'arte a coroa estremecer na frente.  
 Sec'los famosos d'Alexandre , e Augusto  
 Na Italia renovou macio Alori ;

E as meigas côres do pincel Lombardo  
Quasi Ciogli usurpára ao grão Corregio.

Ah! veda a musa, e pequenez do ingenho  
Seguir-vos todos, divinaes pintores:  
Segura a fama vossa alteia a frente,  
E o vate ao longe vos contempla os vôos.

Gentil Bolonha, que na Europa barbara  
O faxo das sciencias accendeste,  
Que o Gothico stupor tiraste ás artes,  
E as ciuzas da virtude apesinhadas  
Por sanctos crimes de sagrados monstros  
C'um Benedicto consolaste em Roma,  
Eis vem dignos de ti, teus sabios filhos,  
Numerosa familia, antiga, e nobre,  
Que o mel das graças delibando férvida  
Em quantas flores produzíra Apollo,  
Nobre desenho modelou no antigo,  
A' natura usurpou vivaz belleza,  
E o mago, o puro dos gentís contornos,  
A verdade, a expressão, o rico d'ordem,  
E o colorido inimitavel, bello,  
Que emparelha com a arte a natureza.

Assim brilhou divino o grão Corregio;  
Assim Francia gentil, assim Mantegna,  
E Bolognese vigoroso, e forte;  
E tu, que o terno amor, e seus encantos,  
Simplices graças da natura virgem,

Da innocencia infantil o mimo , os jogos ,  
 As singellas beldades exprimiste  
 No mavioso pincel , mavioso Albano.  
 Nem deslembre de Guido a fertil mente ,  
 Talento universal , vago , mas bello..

Co'a expressão de Zampierri ordem , nobreza ,  
 Ve d'Agnese gentil a ardua constancia  
 Como os p'rigos desdenha , e ve risonha  
 Ja do ferro do algoz pender-lhe a morte.  
 Ferino aspeito dos ministros barbaros ,  
 Da augusta religião viril triumpho  
 Aos engolfados olhos se appresenta ,  
 E , arrebatando o esp'rito a deus , ao vate ,  
 Um prodigio a prodigios amontoa.

Ve Guerchino tambem , que ora nervoso ,  
 Ora sombrio , e fero , e terno outr'ora ,  
 Mas sempre encantador , em cada rasgo  
 C'um portento de mais a arte enriquece.  
 Qual víra a Palestina o pae dos crentes (\*)  
 De fe , de submissão dar nobre exemplo ;  
 Tal vive no pincel , tal inda avulta  
 Co'as veneraveis cans , e honrado aspeito.  
 Misero velho ! desgraçado infante !  
 Que ! tu mesmo , infeliz ! co'a mão paterna  
 Hasde cortar-lhe o fio á tenra vida ,  
 Unica esp'rança de caucados annos ,

(\*) O sacrificio de Isach , quadro famoso de Guerchino.

De mui doces promessas ? Como . . . ai triste !  
 Oh ! como voltará sem elle á tenda ?  
 Com que olhos fitará maternos olhos ?  
 Com que voz lhe dirá ? .. Mas parte : e a dextra  
 Já , já quasi . . . Suspende : um deus o ordena ;  
 Um deus é pae tambem : suspende o crime ;  
 São leis da natureza as leis divinas ;  
 Em premio da tua fe recebe o filho .

Ah ! se ao nome Lombardo é pouco tanto ;  
 Eis triplice ornamento á patria , ao mundo ,  
 Doutos Caracis , que o divino ingenho ,  
 Ou co'a dextra gentil ornando a Italia ,  
 Ou dando á juventude almos preceitos  
 Da arte formosa , perpetuando-a aos évos ,  
 Nova , estremada lhe augmentarão glória .

FIM DO CANTO SEGUNDO.





NOTAS AO C. II.

# NOTAS

## AO CANTO SEGUNDO.

» *Vão-lhe na frente os affamados chefes.* »

Aquelles sam sós homens que se *affamão*.  
FERREIR. *Cart.* 6, Liv. I.

» *No bello antigo modelando as graças.* »

O verbo *modellar* está geralmente adoptado, mas que não seja antigo. Assim como de *molde se fez*, e deduziu *moldar*; de *modelo* se póde derivar *modelar*.

» *Vem tribu excelsa de Romãos pintores.* »

Gregos, Romãos, e toda a outra gente.  
FERREIR. *Cart.* 3, Liv. I.

» *E quanto inspira Apollo: . . .* »

O fito que neste poema levei, foi simplesmente celebrar os louvores da pintura, e de seus principaes mestres. Sou apaixonado amator desta sublime poesia; contento-me de admirar; mas nunca dei a menor lapizada. A leitura, a observação curiosa, e exacta do pouco, que tenho visto, me derão os limitados conhecimentos, que em tam comprida materia possuo. Ideias vastas, ainda mesmo na historia só da pintura, apenas poderão ser o fructo

de longos estudos , que me a minha pouca idade , e mais serias , mas que enojosas occupações prohibem. Declaro pois que , se êrro encontrarem os professores , mui grata , e grande mercè me farão de me avisar ; e conhecerão pela minha docilidade na emenda a pouca presumpção do auctor.

» *E aos d'arte amantes desejar com Pedro*  
» *Junto ao prodigio . . . »*

Faciamus hic tria tabernacula.

ΜΑΤΤΗ. *Evang.*

» *Em cêrca aos muros da gentil Parthénope . »*

Napoles , assim ditta antigamente de Parthénope , uma das sereias , que se enchêrão de desesperação por não poder vencer Ulysses com o seu canto. Junto ao tumulto desta semideusa , ou nympha se edificou uma cidade , que della tomou nome. Destruida ésta , se tornou em seu mesmo logar a edificar outra nova , dita Napoles (*Neapolis* — *Νεαπόλις* — cidade nova) nome que inda hoje conserva.

» *Umas sobre outras as cidades jazem . »*

Pelos fins do seculo passado se descobrirão nas visinhanças do Vezuvio as antigas cidades de Herculano , e Pompeia. A cidade de Portici está quasi situada sobre a antiga Pompeia , que , assim como o Herculano , fôra submergida em uma explosão do Vesuvio.

» *E a rôdo os d'atro fogo horridos rios . »*

Nas grandes irrupções do Vesuvio corre do alto da montanha um , como rio , de fogo , que dá uma imagem das fingidas torrentes do sonhado Averno. — Virgilio , que

de certo dos volcões de Napoles houve a ideia do seu *Phlegetonte*, situou por aquelles logares os seus — *Plutonia regna*. — (Vid. Staël na *Corin.*)

» *Inda no mesto panno afflictos sião.* »

... Sudant in marmore moesto.

SILI, *Ital.* Lib. I.

» *Saliente Caravagio, que exprimiste.* »

*Saliente*; porque as figuras de seus quadros tem um ar de relêvo, que engana. É necessaria metonymia, de que uso muitas vezes para caracterizar os pintores, segundo suas mais distinctas qualidades.

» *Ja de accuryados reis não brilha o fasto.* »

O simplez nome de Roma basta para fazer nascer uma infinidade de ideias grandes, e de magestade. Todos os pensamentos sublimes, que a imaginação pôde crear, todas as serias reflexões, que pôde suscitar a razão, todas as memorias augustas, que a virtude, e a humanidade podem fazer nascer, occorrem, e borbulhão associadamente na alma do homem pensador com a simplez ideia de Roma. O exfôrço dos Horacios, a castidade das Laurecias, a integridade dos Brutos, e Catões, o patriotismo dos Fabios, e Scevolas, a magnanimidade, e valor dos Scipiões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Plinios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajannos, a humanidade dos Titos, tudo se recorda com a memoria illustre da cidade por excellencia.

Imagine-se um homem cheio de toda a magnificencia destas ideias, possuido de respeito, e veneração, ao entrar em Roma. — Ruinas, sepulcros, templos derrocados, estradas solitarias, ruas desertas... são os miseraveis objectos, que lhe ferem os olhos, mui de longe preparados para admirar a senhora do universo. De espaço

a espaço descobre (é verdade) um templo magnifico, um grande palacio; mas breve se desvanece este vislumbre de grandeza, e subito se esvai a nascente esperanza de encontrar a Roma de Augusto. Estes palacios, estes templos, que se elevão do meio das choupanas (habitação da indigencia e da fome) carregados d'ornatos, de sobejo embelezados, serão acaso aquelles esmeros de architectura grande, e magestosa, suberba, e varonil dos edificios Latinos? Poderá algum delles similhar-se ao *Fóro*, ao *Palacio*, ao *Amphitheatro*? Descobrir-se-ha n'alguma destas modernas praças o menor vestigio dos *Rostros*? O *Capitolio*, o terrivel, o venerando *Capitolio*, onde se julgava dos destinos das nações, onde os reis curvavão os sceptros, e depunhão os diademas; d'onde sahião os irrevogaveis e tremendos decretos, que dispunhão da sorte dos povos, e legislavão ao universo, que é feito d'elle? — O solcito viajante ainda o descobre; o seu *cicerone* (guia) ainda lhe mostra o lugar d'elle. — É será este? — Diferente estrada conduz ao cimo do monte; o palacio do *senador*, alguns restos de quebradas estatuas, de desfigurados relevos são todas as riquezas, todos os tropheos, todos os despojos, que ornão o antigo alcaçar do mundo.

Confuso, humilhado, o viajante não se atreve ja a encarar nenhum edificio. — » Os habitantes ao menos (diz elle) talvez conservem algũa cousa ainda de Romanos. Tantas virtudes, tanta grandeza não podião extinguir-se de todo. » — Um bando de miseraveis, uma plebe indigente, vil, e sem costumes, são os successores do povo rei; uma cõrte effeminada, e entregue aos deleites do ocio occupa o lugar dos Brutos, e Catões; declamadores sem gôsto, com affectadas, e guindadas phrases (que ou não entendem ou não crem) fazem retenir aquelle mesmo ar, que ouviu os eloquentes, e numerosos sons de Cicero, e Marco Antonio; assucarados trovadores infectão com os seus — *concelli* — a degradada lyra de Virgilio, e Horacio; os Scipiões, os Emilios, os grandes generaes, as invenciveis tropas da triumphante republica são substituidas por um bando de assoldadados Suissos, cujas grandes proesas, e valor, cujos guerreiros esforços são o fazer a guarda do papa. Em vez do augusto, e venerando senado, um ajuntamento d'homens ambiciosos, insaciaveis d'ouro regem

despoticamente; não os direitos das nações, e deveres dos reis, e povos pelas invariáveis leis da justiça, como os antigos *conscriptos*; mas o corpo invalido da igreja por elles arruinada, e depravada, levando simplesmente o fito em pescar para a barca do humilde S. Pedro as riquezas das nações com o sagrado anzol das indulgencias, reliquias, e breves. — « Roma! oh Roma! (exclamará o contristado viajante) tu ja não existes; a tua liberdade expirou em Catão, e tu com ella! A liberdade te conservava as virtudes, que, mais que tuas façanhas, te constituirão no imperio do orbé. Perdeste-a; e desde então caminhabste sempre com gigantescos passos ao abysmo de miseria, e vileza, em que jazes sepultada para eterno exemplo do universo.

E com effeito, tal é a sorte de quasi todas as nações! Florecem, reinão em quanto a liberdade, ou a larva della subsiste; apenas se eleva a tyrannia, cai de rôjo com a liberdade o amor das virtudes; a servidão embrutece o homem; a sociedade se muda em um rebanho de escravos; e a miseria succede á opulencia. Assim cahiu Roma, assim Sparta, assim Hollanda, assim tantas outras. Que exemplos para os tyrannos, e que terrivel escarmento para os povos! Miseraveis despotas, em breve estendereis o sceptro de ferro sobre montões de ruinas. Os Vandalos, os Godos, os Arabes não se acabárão ainda: e vós os chamais com tanta áncia! (\*)

(\*) É facil de ver que esta nota foi escripta antes do dia 24 d'Agosto. Felizmente ja se podem tratar estes assumptos com menos atrahyllis.



# O RETRATO DE VENUS.

## CANTO TERCEIRO.

M

## CANTO TERCEIRO.

Ve a Adria, e golfo de portos, a ser  
A voz da liberdade arrojado.  
Surge do rio das donzelas igua  
A cidade genti, panno de seda,  
E coroa de vergonha a natureza.  
E a mão do cruzador, ao ver confuso,  
Barriladas atirou, riuadas,  
Se confessar, que se fez tu, não dera a vida,  
Quasi, quasi, em rival tenêra a vida.  
Alli, fugido aos clamores heros,  
Ao fogo, a grandeza da cruzada,  
Homens, pechos, sem nádeza, comegava  
Com' heros a defender o cargo capitão  
Emporio dos deuses, de deuses, deuses,  
E do lado, não jreitas para tempo

CANTO TERCEIRO.

# O RETRATO DE VENUS,

## CANTO TERCEIRO.

**M**usa, deixemos a mansão terrestre,  
Sobre o infido elemento estende os vôos.  
Eis sobre as ondas c'o pincel divino  
Maga pintura, legislando ás vagas,  
Enfreia as iras de Neptuno indomito.  
Ve d'Adria o gôlpho tempestuoso, e fero  
A' voz da liberdade agrilhoado.  
Surge do seio das domadás aguas  
A cidade gentil: pasmou de ve-la,  
E corou de vergonha a natureza.  
E a mão do creador, ao ver confusos,  
Baralhados antigos elementos,  
Se ao homem, que os trocou, não dera a vida,  
Quasi, quasi um rival temêra nelle.  
Alli, fugindo aos clamorosos brados,  
Ao jugo, á servidão da tyrannia,  
Homens, poucos, mas homens, começarão  
Com ância a defender sacros direitos.  
Emporio foi depois do rico Oriente,  
E do alado leão tremeu gram tempo

O atrevido colosso Mussulmano!  
 Hoje (Ideias de dor, lembrança amarga!)  
 Da poppa olhando o navegante ao longe:  
 «Veneza aquella foi» — exclama, e geme;  
 E segue a esteira das cortadas ondas.

Veneza foi: compridas, longas eras  
 Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios;  
 E as dadivosas musas lhe outorgarão  
 Egregios filhos, que o talento, as vidas  
 A' formosa sciencia consagrarão;  
 Que, imitando fieis a natureza,  
 Olhos seduzem, e deleitão alma,  
 Que nos toques graciosos, na belleza  
 Da gentil invenção, doce magia  
 Do claro-escuro, rico invento d'arte,  
 Aos mais sabios pinceis não cedem nada.

Deusa, accode á avidez, que o vate enleia,  
 Fere nas cordas da estremada lyra  
 Dos famosos varões o nome, e os dotes:  
 Dize a Ticiano, dize quaes natura  
 Lhe entornou dadivosa encantos simplez,  
 Que, ou arte ignorão, ou subtis a escondem;  
 Já d'humanas feições transsumpto exacto,  
 Já co'as nativas côres exprimindo  
 No ingenho pincel tudo o que existe.

Adriades gentís, oh! vinde, as frentes  
 Coroadas de dor, na campa avara

Humido pranto derramar saudoso !  
 Ai do triste mancebo ! o fado iniquo ,  
 Só por chora-lo , o concedêra ao mundo !  
 Oh ! com quanta expressão , nobre altiveza  
 Castel-franco brilhou , fulgiu mais que homem !  
 E tam breve lhe deu a sorte a vida !  
 E no fuso cruel a Parca dura  
 Um fio tam gentil fiou tam curto !

Oh ! suspendi as lagrimas formosas :

Longa carreira os ceos marcarão prósidos  
 Aos dous Bellinis , venerandos chefes  
 Da nomeada escola ; á glória vossa  
 Vivem padrões eternos ; Piombo illustre ,  
 Que a fama ousou balancear d'Urbino ;  
 Pordenone inventor , de quem Ticiano  
 Temeu roubadas as divinas côres ;  
 Completo Palma , a quem mostrou natura  
 Sempre formoso o variado aspeito ;  
 Animado Bassano verdadeiro ;  
 Fertil , e vivo Tintoreto rapido ;  
 E tu , Paulo gentil , delicias , mimo  
 Dos voluptuosos olhos da donzella ;  
 ( Mui grato enlêvo do insoffrido amante )  
 Qual Verona folgou com sen Catullo ,  
 Tal contigo : mil graças , mil encantos  
 Sem mysterio , sem véo te deu , lhe dera  
 Nua de pompas vans , a natureza :  
 Seu renome inda vive ; e o teu com elle ,  
 Emque lhe péze á inveja , e seus furores ,

Hade eterno brilhar. Assim raivosas,  
 Frustradas gralhas invejosas grasnão  
 A' ave olympia de Jove; e emtanto os vôos  
 Ella ao sol remontando, as mofa, e burla.

Porem mais longe da rinhosa Hesperia  
 Voltemos a attenção: ve como em Flandres,  
 Scena outr'ora infeliz da glória Franca,  
 Da Cypria deusa demandando a estancia  
 Vai turba immensa dos rivaes d'Italia.

As graças naturaes, singellas, puras  
 A' porfia a acompanhão: não se enfeita  
 Por suas mãos a simplez natureza:  
 Em loução desalinho bella, e nua  
 Mimos lhe outorga, que ella só conhece,  
 Que a vós é dado só, magos pintores,  
 Com arte ignota do universo ao resto  
 No pincel exprimir fiel, divino.  
 Prodigios fallem de Van-Eick famoso,  
 Do correcto; vivaz, firme Duréro;  
 Dize-o por todos; se inda alguém no mundo  
 Ignora tanto, que te ignore os dotes;  
 Fertil, brilhante, verdadeiro Rubens.  
 Rubens! Oh nome! O! filhas de Memoria,  
 Vós, que no Pindo entre o verdor mimoso  
 Lhe bafejastes divinal espirito,  
 Quando, librado sobre as azas d'ouro  
 De sublime, elevada alegoria,  
 Viu, pintou... Ah! fez mais: creou, deu vida

A chymericos entes, vãos, mas bellos,  
 Que o vivo imaginar lhe debuxára.  
 Quam doce, e meiga a enternecida Venus  
 Com suspiros, com ais, com ternos beijos  
 Tenta a furia applicar, reter nos braços  
 Gradivo impaciente! Olha do monstro  
 O torvo gesto, o faxo sanguinoso...  
 Ella!.. a guerra cruel! a horrivel frente  
 Co'a máscara da glória esconde ao numen,  
 E o veneno lethal lhe infunde n'alma.  
 Lá baqueia de Jano o templo augusto;  
 As artes, as sciencias calca o monstro;  
 E a d'auradas espigas, rubros pomos  
 Gentil coroa á agricultura arranca.  
 Ternura, horror, assolação, belleza  
 Com portentosa mão juntaste, ó Rubens. (\*)

Quam bello é na expressão Vaén correcto!  
 Hólbein sublime, vigoroso, e nobre!  
 Ván-Rin saliente, harmonioso, e doce!  
 Quam firme é Wanderwérff singello, e puro!  
 E tu, mimoso Van-Dernér, que em Gnido  
 Bebeste as graças, possuiste os risos.

Ah! ja cançada se me affrouxa a lyra:  
 Rouca, e sem voz mal associa ás cordas  
 Difficeis nomes de estremados mestres.  
 Um por tantos direi; é o nome illustre

(\*) Quadro allegorico da guerra por R.

Te baste, ó Flandria, a coroar-te a gloria :  
 O bello, o simplez, verdadeiro, e grande,  
 Do mestre a obra maior, Vandick insigne.

Mas, qual ruido, que tumulto, ó musas,  
 Do Pindo a sacra paz impio disturba ?  
 Quanto vivem!.. Que heroes da patria raios!  
 Armas!.. guerra!.. o furor!.. o sangue!.. a morte!..  
 Destrôço!.. horror!.. assolações!.. ruinas!..  
 Eis dos Alpes franqueado o gêlo eterno;  
 Nada resiste: c'ó rugido extremo  
 Baqueia exangue de Pyrene a fera.  
 Co'a Europeia ruina Africa nuta,  
 Asia treme; e nas praias de Colombo  
 A fugitiva liberdade apporta.  
 A longes terras se acolheu Minerva,  
 Sem rumo as artes desgrenhadas fogem.  
 A Roma de Catão, d'Augusto a Roma  
 Não é de Pio a effeminada côrte;  
 E em vez d'um Fabio tardador, d'um Quincio,  
 D'um Bruto, um Manlio; prostituta prole  
 No deshonorado Capitolio avulta.

Quem, bellezas d'Italia, hade amparar-vos ?  
 Quem!.. Animos cobrai; volvei sem medo  
 Artes, sciencias: ja no Sena ovante  
 O proprio vencedor no seio amigo  
 Vos acolhe, e accarinha, e no alto alcaçar  
 Augusto solio perenal vos ergue.  
 No Sena ovante (oh do porvir assombro!)

Em quanto os filhos seus, terror do mundo,  
 Raios desferem, que o universo atterrão ;  
 Renasce mais gentil, vive mais fúlgido  
 O sec'lo de Luiz ; succede á velha,  
 A' pedante Sorbona, almo Instituto.  
 Eis novos Raphaelis, arte divina !

Não lamentos Poussim, Gallia ditosa,  
 De Mignard, e Blanchard divinas côres,  
 De Lebrun a expressão, fieis costumes,  
 Paizagens de Lorrain, maga ternura  
 Do voluptuoso, encantador Santerre,  
 Grandioso stylo do vivaz Subleyras :  
 Teus modernos heroes excedem tudo ;  
 E ao seio da oppulencia amamentados,  
 A' voz da glória redobrando esforços,  
 Talvez irão com denodado arrôjo  
 Do solio d'arte derribar a Italia.

Se, entre barbaras mãos gemendo outr'ora,  
 Devêste a Belisario a vida, ó Roma ;  
 Se das furias crueis d'horrida guerra  
 O juramento te isentou d'Horacios ;  
 Se quanto foste em gloriosas quadras  
 A um necessario roubo, á paz, que o segue,  
 Ao ferro audaz de Romulo devêste ; (\*)  
 Treme delles agora, treme, ó Roma ;  
 Que no heroico pincel David illustre

(\*) Quadros celebres de David, pintor Fr.

As cinzas lhe animou; marchão por elle  
 Tua fama a conquistar, roubar teus louros:  
 De Urbino, e Buonarroti o throno prostrão;  
 Eis campeia David! — Não longe d'elle  
 O terno Girodet, suave, e brando,  
 Que, do Meschacebeu vingando as margens,  
 C'o vate insigne emparelhou nos vôos,  
 E na pasmada Europa ergueu d'Americo  
 As pomposas florestas, e a nobreza,  
 Ornamento feroz d'um mundo virgem:  
 Que os encantos d'amor, e os seus furorés,  
 O podêr da virtude, e os seus esforços  
 Dignos d'elle exprimiu, e fez de novo  
 Olhos sensiveis afogar em pranto.

Eis á voz de Gerard das campas rompem  
 Extinctas gerações: Saturno as azas  
 Indignado encolheu, e a prêsa antiga  
 Viu roubar-lha o pincel, quebrar-lhe os éllos  
 Da inpreterivel, perenal cadeia.

Ruge fremente o mar, bramindo, e ronca  
 Nas oucas rocas, nas quebradas fragas  
 Do tormentorio mar... Lá se ergue ingênte,  
 E immenso troa o colossal gigante.  
 Treme d'entôrno o mar, e a terra, e o mundo;  
 E a voz, que os pollos com fragor desloca,  
 Pela primeira vez á gente Lusa  
 Pallida imprime a sensação do medo.  
 Só impavido um só, Vasco lhe arrosta:

Pasma a ousadia d'um mortal a um nume.

Oh lagrimas d'Ignez , sangue innocente ,

Correi , correi do milagroso panno ;

E em lagrimas de sangue o applauso eterno

Aos vates recebei , aos vates ambos.

Oh Gerard ! oh Camões ! qual mão divina

Vos uniu , vos juntou ? Oh ! folga , ó patria !

E tu , Sousa immortal , grata homenagem

Recebe eterna da mui grata Elysia. (\*) -

Ve nas mãos de Guerin qual geme , e aneia

Pincel , que hervou na dor , que embebe em pranto ,

Que incestos , crimes ( de Trezena horrores )

C'o Euripides Francez disputa ainda.

Quem de pavor , de compaixão não gela

Ao ver nas murchas , esmyrradas faces

Da bella ainda , miseranda Phedra

Surgir do panno , que as conter mal póde ,

D'um criminoso amor , violencia , e fogo? (\*\*)

Guerreira a mente de Vernet fulmina

Os raios de Mavorte , o horror das armas ;

E sobre os quadros de Le-Gros famoso

Os manes folgão de Rolin , Voltaire.

Mas tanta glória inda não basta , ó Francos ,

(\*) Celebres pinturas de Gerard na edição dos Lusíadas pelo Sr. José Maria de Sousa.

(\*\*) Pinturas de Guerin tiradas de Racine.

Para o completo , universal triumpho :  
 Que no Ibero pincel inda refulge  
 O nome de Ribera , o de Murillo ,  
 E duvida d'Albion mosqueada fera ,  
 Vaidosa d'West , conceder-te a palma ;  
 Inda lhes guardão justicôsas musas  
 No bifido Parnaso um grau distincto.

Assim quando no ceo , callada a noute ,  
 Candida brilha sup'rior Diana ,  
 Se com menos fulgor , astros com tudo ,  
 Gentis avultão nitidas estrellas.

**FIM DO CANTO TERCEIRO!**



Para o completo, amovendo a vidueta:  
 Que os ilustres pueri, inda revidado  
 O apoco de Nibera, v. de Nibera  
 E devida d'Albion, inda revidado  
 Valioso d'West, conceder-se a palmas  
 Inde illos que dno justitias tenent  
 No titulo Parnaso um gen. de Nibera

Amos quando no cor, collata e nota  
 Clavata palas superior d'Albion  
 Sa cora, quod fulgor, senos cora nota  
 Genio a Nibera d'Albion cavellia

NOTAS DO C. III.

NOTAS DO CANTO SEQUELHO

# NOTAS

## AO CANTO TERCEIRO.

» *Enfrea as iras de Neptuno indomito.* »

Imperio premit, et vinclis, et carcere froenat.

VIRG. *Æn.* Lib. I, v. 54.

» *Ve d'Adria o gólpho tempestuoso, e fero.* »

É o gólpho de Veneza, antigamente chamado de Adria, ou Adriatico, d'uma cidade deste nome.

» *Alli, fugindo aos clamorosos brados.* »

No meio do seculo V, forão destruidas por Attila, rei dos Hunos as cidades de Aquilea, Altino, Concordia, Opitergo, e Padua, todas vizinhas ao gólpho, então chamado Adriatico. Os habitantes destas cidades, fugindo ao furor irresistivel, e cruel ferocidade dos barbaros, se forão refugiar nas pequenas, e desertas ilhotas do mar Adriatico, e fundarão assim o comêço de Veneza. (Vid. *Auquetil, Milot, e la Istoria de Vinègia per* \*\*\*)

» *Emporio foi depois do rico oriente.* »

Antes que ha India fosse descoberta pelos Portuguezes, ha mayor parte da especiaria, droga, e pedraria se vazava pelo mar roxo, donde ya ter á cidade Dale-

*xandria*, e dalli ha compravão hos Venezianos, que a espalhavão pela Europa.

CASTANHEDA Lib. I, cap. 1.

» E do alado Leão tremeu grão tempo. »

Um leão com azas éra o tymbre, ou armas da republica, ou senhoria de Veneza.

» E segue a esteira das cortadas ondas. »

*Esteira*, ou *esteiro*, que assim, e indiferentemente escrevem, e usão os nossos classicos, é aquelle sulco, que os navios vão fazendo, e deixando depoz si nas aguas, e que bom espaço se conserva depois. Maior é talvez o numero das pessoas, que sabem a simplicissima razão physica deste natural phenomeno, do que o das que o nome Portuguez lhe conhecem.

» Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios. »

. . . . All' Adria in seno

Un popolo d'eroi s'aduna . . . .

MATEST. *Ezio*: atto I.

» *Adriades gentis*, oh! vinde as frentes. »

Assim como de *Tagus* Latino fez Camões *Tagides*; e outros do Douro — *Durius* — *Duriades* etc.; quem me impede a mim, que de *Adria*, faça *Adriades*?

» Qual *Verona* folgou com seu *Catullo*. »

. . . . Gaudet *Verona* *Catullo*,  
Pelignae dicar gloria gentis ego.

OVID. *Trist.*

» . . . . Mil graças mil encantos  
» Sem mysterio , sem véo te deu , lhe dera.»

Assim como Catullo , Paulo Veronese é notado de pouco honesto. Todos sabem a lascivia , e voluptuosidade dos versos do primeiro : os quadros do segundo tem uma poesia deste genero bem mais expressiva.

» Em que lhe péze á inveja , e seus furores. »

Eu , que apesar da inveja , e seus furores  
Aos astros levó o nome Lusitano.

ELFIN. *Nonacr.* Od. a Vasc. da Gam.

*Em que lhe péze , e em que lhe pez* são phrases dos melhores classicos : mil exemplos , por um , pudera apresentar ; mas citarei o que tenho aqui mais á mão , que é o P. Vieira (*Vozes saudosas : voz histor.*)

» *Scena outr'ora infeliz da gloria Franca.* »

As provincias Flamengas forão um dos principaes theatros das ambiciosas guerras de Luiz XIV com a Hollanda. ( Vid. VOLTAIRE *Siecl. de Louis XIV.* )

» *Lhe bafejastes divinal espirito.* »

Quasi divino quodam spiritu inflari.

CICER. *pro Arch.* §. 8.

» *E o veneno lethal lhe infunde n'alma.* »

Sic effecta , facem juveni conjecit , et atro  
Lumine fumantis fixit sub pectore taedas.

VIRG. *Æn.* Liv. VIII, v. 56, e seg.

» *Quam bello é na expressão Vaén correcto.* »

Porventura não serão os verdadeiros accents da pronúncia nacional, os que ponho aqui neste, e nos outros nomes dos pintores Flamengos: puz-lhe os necessarios para o rythmo, que é a minha obrigação; dos outros não sei, pois que ignoro a tal lingua; no que, segundo creio, não perderei nada.

» *Difficeis nomes d'estremados mestres.* »

E bem difficeis, com effeito, para accomodar ao verso com os seus — *kk* — *rr* — etc.: não são daquelles, de que Horacio diz:

Verba loquor socianda chordis.

HORAT. Lib. II, Od.

» *Do mestre a obra maior, Wandick insigne.* »

Voltaire diz algures, fallando de Tasso, que, se é verdade o que vulgarmente se diz; que as *Lusiadas*, e seu auctor formáram a Gerusalem do primeiro, fôra esta a melhor obra de Camões. Não estou *absolutamente* por este *espirituoso* dito de Voltaire; mas com justiça o appliquei a Rubens, e Wandick,

» *E; em vez d'um Fabio tardador . . .* »

'Assim traduziu Filinto Elys. o *Fabius cunctator* dos Latinos. (Vid. FILINT. Ode à Liberdade.)

» . . . *Ja no Sena ovante.* »

Sobre a margem feliz do rio *ovante*,  
 Donde arrancando omnipotencia aos fados  
 Impoz tropel d'heroes silencio ao globo.

BOCAG. Od. a Filint.

» *Que do Meschacebeu vingando as margens.* »

Este é o verdadeiro nome do célebre rio da Luisiana, na America Septentrional, chamado vulgarmente *Mississipi*. (Vid. CHATEAUBRIAND: *Genie du Christ*. Part. III, LIVR. 5.)

» *C'o Eurípides Francez disputa ainda.* »

Racine bem se póde assim chamar, não somente por suas absolutas, e eminentes qualidades; mas pela relativa, e mui particular da similhaça dos ingenhos, e feliz imitação de Racine. (Vid. LAHARPE: *Cours de Litter.*; LEMERCIER: *ibid.*; e o P. BRUMOX no *Theatr. dos Gregos.*)

» *Ao ver nas murchas, esmyrradas faces,* »

J'ai languì, j'ai séché dans les feux, dans les larmes.  
RACIN. *Phoedr.* Act. II.

Desfaleci, murchei no no ardor, no pranto.  
*Trad. ms. do Sr. H. E.*

» *D'um criminoso amor violencia, e fogo.* »

Quand je suis toute en feu, vous n'etesque de glace.  
PHOEDR. Act. II.

» *Os manes folgão de Rolin, Voltaire.* »

Le-Gros é pintor historico; e Rolin, e Voltaire são historiographos Francezes.



# O RETRATO DE VENUS,

## CANTO QUARTO.

**E** láz collamos as carceadas veias,  
Musa; o símbolo da amorosa Venus;  
E láz nos vemos, e láz nos vemos,  
Doz ilharas raras de pintura,  
Da Europa toda e do vário Reinos,  
Da voz namorada ao som fagueiro,  
Só Lysia falta... A mimba Lysia, o Venus!  
A parte dos olhos, a mão dos vetos,  
A parte do Cantor, do seu Filhar,  
Onde a voz da Europa, a voz da Gama,  
Sempre em teu nome reço, em Lysia,  
Onde a tua voz, mais que em Roma, em Grecia,  
Em cada coração chora um templo,  
Lysia, de Venus esse é o fim!

Ab! volte os olhos para a terra,  
Aos olhos ridentes do teu Filho,  
Como vossa se acham de agramar, Gama,  
Brilho nos olhos, Lysia, Lysia!

CANTO QUARTO.

# O RETRATO DE VENUS,

## CANTO QUARTO.

**E** Ia! colhamos as cançadas vélas,  
Musa: o filhinho da amorosa Venus  
Ja pelos ares liquidos se entranha,  
E ledor corre co'as donosas tribus  
Dos illustres rivaes da natureza,  
Da Europa toda ja voarão férvidos  
Da voz enamorada ao som fagueiro.  
Só Lysia falta... A minha Lysia, ó Venus!  
A patria dos heroes, a mãe dos vates,  
A patria de Camões, do teu Filinto!  
Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes  
Sempre em teu nome resoou na lyra!  
Onde a teu culto, mais que em Roma, ou Grecia,  
Em cada coração se eleva um templo!  
Lysia, de Venus esquecerão filhos!

Ah! volve os olhos immortaes, divinos  
Aos seculos remotos; ve no Tejo  
Como entre as sombras da ignorancia Gotlica  
Brilhão nas trevas Lusitanas tintas;

Ve do grão Manoel na época d'ouro  
 Sobre as bellas irmans como se eleva  
 A divinal pintura ; ve mais perto ,  
 Em quanto geme c'o ferrenho jugo  
 A flor , a augusta das nações princeza ,  
 Erguer das ruinas sobranceira a frente ;  
 E alfim nas quadras , que marcára o fado  
 Ao brio Lusitano extremo exfôrço ;  
 Calcando a juba de Leões gryphanhos ,  
 Parando ás Aguias remontados vôos ,  
 Como á porfia sobre o Tejo , e Douro  
 Apelles mil , e mil revivem , fulgem ;  
 Brilha o Luso pincel . . . Ah ! se aura amiga  
 Continúa a soprar . . . Não ; ferrea pésa  
 A mão do despotismo , opprime , esmaga ,  
 Destroe renovos das mimosas artes .

Mas qual ouço confuso borborinho !  
 E sois vós ! Ah ! perdoa , alma Erycina :  
 O teu povo fiel tu bem conheces ;  
 Nem chama-lo cumpria : é-lhe sagrada ,  
 Inviolavel lei um teu desejo .  
 Ei-lo corre : que luz , que ethereo brilho  
 De louro , e rosas lhe engrinalda as frentes !

Olha entre a nevoa de allongados évos  
 De atroz barbaridade embrutécidos  
 Como Alvaro rebrilha , um Nuno , um Annes ,  
 E do energico Vasco a fertil mente ;  
 E Duarte , e Gomes tam famosos ambos ,

Tam caros ao grão rei , Manoel ditoso,  
 Ve do illustre Resende a mão facunda ,  
 Trocando a penna , que mandára aos évos  
 Os feitos dignos de perene historia ,  
 Pelo arguto pincel ; o sabio Carlos ,  
 Que ao divino Corregio usurpa as côres ;  
 Dias , que á patria transportára ovante  
 O mel , e as graças dos famosos mestres ;  
 Harmonioso Christovão , claro Sanches ,  
 Que os monarchas d'Europa inteira vira  
 D'honras , de bens accumulá-lo anciosos.

Eis sobre as azas de elevado arrôjo  
 Vinga altivo Campello o cume erguido  
 Dos montes de Judá. La surge , e avulta  
 No mysterioso panno um deus , um homem.  
 Pasmou a natureza ao ver confusos  
 No seio maternal o pae , e o filho.  
 Mago pintor lhe renovou prodigios ;  
 E aos tormentos d'um deus tremeu de novo  
 A longa serie dos creados mundos. (\*)  
 Sensiveis corações , vinde espelhar-vos  
 Nos ternos quadros , que sagrou uirtude ;  
 Vinde á sombra do vate , ao seio augusto  
 Da sancta religião , da mãe caroavel  
 De humanas afflições verter o pranto :  
 Vinde ; e entre a dor vos surgiráõ prazeres ,  
 Prazeres do Christão , doçuras d'alma.

(\*) Quadros da paixão de Chr. por Campello.

Quanta glória Fernando ao sabio mestre,  
 Quantos louros grangeou! Lopes sublime  
 Juntou d'Urbino aos expressivos rasgos  
 A ardidez gentil d'Angelo altivo.  
 Vasques douto, e regrado os traços mede  
 No exacto petipé da natureza.  
 E tu, Leonor, d'entre a nobreza, e fasto,  
 Origens sempre de brutal inercia,  
 Soubeste ás artes levantar o espirito.  
 Qual do Luso pincel nos fastos vive  
 Hollanda creador! Deusas do Pindo,  
 Eis novo esmêro vosso, invento novo!  
 Vastos areanos da pintura se abrem,  
 Accumulão-se a rôlo almos tesouros;  
 Graças lhe admira o árbitro da Europa,  
 E na bôca dos reis louvores fulgem.  
 Hollanda venturoso! Ah! de tuas ditas  
 Taes as menores são: mais déste ás musas,  
 Mais ati, ao teu nome, á patria, ao mundo  
 No filho, o grande filho, a glória nossa,  
 Mima ao patrio pincel do numen louro.  
 Cedendo á voz d'um deus, que o chama a nome,  
 O Cicero Africano erros abjura;  
 Sancto prelado o omnipotente invoca,  
 E d'agua exulta candido Agustinho.  
 Portento d'expressão, viva faisca  
 Do lume eterno, que lhe ardeu na mente.  
 Vate!.. Ah! não vate: um anjo, um deus te guia,

Move o arguto pincel na sabia dextra.  
 Do Olympo eis surge a magestade, a pompa:  
 Olha d'Ambrosio o venerando aspeito,  
 Os olhos, onde em gôso alma trasborda,  
 D'Agustinho a humildade, e o gesto vívido,  
 Onde a fôrça transluz d'activa mente,  
 Da eloquencia viril, saber profundo. (\*)

Pereira natural, severo, e forte  
 O terrivel pincel por entre ruinas,  
 Entre chammas, e horror meneia ardido.  
 De novo a cinzas reduzida Troia  
 Por elle foi; por elle Pyrrro ingente  
 C'o faxo assolador vagou por Ilion.  
 Antolha ouvir-se em pavidos lamentos  
 O confuso ulular da mãe, que espira,  
 E no extremo bocejo aperta os filhos,  
 Do pae tremente, que a rugosa face  
 Entre o seio da filha esconde, e geme,  
 E quizera morrer no doce amplexo.  
 O crepitar das estridentes chammas,  
 O baquear dos templos, dos palacios,  
 E quantas vozes de terror, d'espanto,  
 Quantas scenas d'horror cantárão vates  
 Nas Gregas cordas, Mantuana lyra. (\*\*)

Elementos, cedei-lhe ao mago encanto  
 Das vozes do pincel! Stridentes rompem

(\*) Quadro do baptismo de S. Agustinha.

(\*\*) Quadro da destruição de Troia.

Com ruidoso estampido as cataractas ;  
 Confunde a natureza a essencia , os termos ,  
 Na face do universo impera a morte ,  
 Mysteroso baixel ao longe avulta ;  
 E de novo o castigo formidavel  
 Os olhos da razão cega d'espanto. (\*)

Olha como apoz elle vem seguindo  
 Valle expressivo , delicado , e grande ,  
 Nobre Gonçalves entendido , e ornado ,  
 Rebello audaz , o Buonarroti Luso ,  
 E as do patrio pincel divinas Saphos ,  
 Ayalla , e Guadalupe , e Ritte , e Browne ,  
 E Luiza gentil , que os sabios tempos  
 Ao Porto renovou da Grega Aspasia.

Fastoso monumento d'alta Iberia ,  
 Voragem , gôlphão , que absorvêste os rios  
 Do precioso metal , que ati corrêrão  
 Do Chily , e Potozi , das Indias duas ,  
 Suberbo Escurial , onde se aninhão  
 Sob apparente sacco o vicio , o crime ,  
 Tu de Claudio por mim celebra o nome ,  
 Do Camões da pintura , a quem devêste  
 De teus ornatos o maior , mais bello.

Nem sorva o lethes de confuso olvido  
 Victorino engraçado , Andre mimoso ,

(\*) Quadro do dilavio.

Verdadeiro Apparicio : simplez Barros,  
 Vivaz Alexandrino , destro Senna,  
 Barreto original , brando Oliveira,  
 E tu , Roxa correcto , ameno , e vívido ,  
 Que obscuras scenas da marinha Pathmos,  
 E o confuso vêdor nos exprimiste.  
 Olhos om alvo , mysteriosos seguem  
 Prophetico furor , que o volve , e agita.  
 Na dextra a penna mal segura fórma  
 Nunca entendidas , enredadas notas. (\*)

Terra fertil d'heroes , solo fecundo ,  
 Salve ! Eis novo clarão , eis novos louros  
 Sobre a frente gentil pululão , vivem !  
 Eis do patrio esplendor eterna gloria ,  
 Raios de Lysia , que a remotas praias ,  
 Do magico pincel nas azas d'Iris  
 Levárão em triumpho o Tejo , e Douro ,  
 Dous Vieiras ! Não ousa a minha lyra  
 Dotes brilhantes numerar nas cordas :  
 Assaz por meu silencio o dizem , cantão  
 Lysia , Hesperia , Britania , Europa , o mundo.

Dest'arte á voz da meiga Cytherea ,  
 D'amor guiados , sobre as azas do éstro ,  
 Rápidos voão n'um momento , e chegão :  
 Pasmão de ver a face á natureza ,  
 Tam bella , e simplez qual na infancia ao mundo ;

(\*) Quadro de S. João , escrevendo o Apocalypse.

Os bosques entrão: no matiz do prado  
Vão com delicia appascentando os olhos.

Eis outeiro gentil se eleva á dextra;  
Sobre elle... Assombro quem ja viu, que iguale  
Dos illustres varões subito assombro?  
Amor, o mesmo amor parou de espanto,  
De maravilha subita cortado.

Sobre altas se ergue Doricas columnas  
De fino jaspe cupula suberba.  
Brilha c'o azul do ceo linda saphira  
Nos capiteis, nas bases. Das cornijas  
Scintilla em fogo do carbunclo a chamma.  
Mimos, riquezas de pomposo fausto,  
Quantas com larga mão semeou profusas  
Nas entranhas da terra a natureza,  
Na vastidão dos mares; tudo aos olhos  
Extasiados se ostenta. Riu do encanto,  
E a causa do prodigio amor conhece:  
Entra; e apoz elle os estremados chefes.

Languidamente o braço repousado  
Nos hombros niveos do formoso Adonis,  
Ei-la ao encontro a deusa da ternura  
Lhes sai, e assim lhes falla: « Ésta, que vêdes,  
» Consagrada ao prazer, mansão ditosa,  
» Ergueu á minha vóz a natureza.  
» De per si se puliu, lavrou-se o marmor,  
» E se entalhárão gemmas. N'um instante

» Meu doce intento completado liouvera ,  
 » Se o que vós só podeis , dar-lhe eu pudéra.  
 » Frio , e sem vida não me falla ao peito ,  
 » Não falla ao coração todo esse esméro.  
 » Oh ! cortai-lhe a mudez , dai-lhe existencia ,  
 » E c'o mago pincel tornai-o á vida. »

Disse : e a divina voz do ouvido aos peitos  
 Chammas d'estro, e de ingenho accende aos vates ;  
 E em breve espaço divinaes assomos  
 Daqui , dalli se apinhão. Clio alteia  
 Com portentosa mão cantados feitos ;  
 Alem da natureza o vôo erguido  
 Alça a maga , gentil Alegoria ;  
 Desalinhada , rustica beldade ,  
 Singella , e pura a Paizagem doce  
 Sem mysterio , sem véo candida ostenta.

Ja vida é tudo ; satisfeita a deusa  
 Vai alfim completar os seus intentos ;  
 E c'um meigo sorrir c'um doce agrado ,  
 Que vale tanto , que enamora tudo ,  
 Assim lhes falla a carinhosa Venus :  
 « Vinde , ó filhos ; que um nome tam suave  
 » Vossos dotes merecem ; vinde : e a emprêsa ,  
 » Que na mente revolvo , effeituai-me.  
 » Não mando , peço ... ( Ah ! d'uma bella o rôgo  
 Quanto mais vale , que uma lei d'um nume ! )  
 » Retratai-me , ó pintores. » Nisto a deusa  
 O mimoso sendal , ja pouco avaro

Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,  
 Que divinos encantos não descobrem,  
 Não pesquisão, não vem ávidos olhos!  
 Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!  
 Guindado imaginar, ideal belleza,  
 É frouxo o vôo, limitado o arrôjo;  
 Não tenteis franquear mysterios tantos.

Cai das mãos o pincel, sem que o percebão,  
 Aos pintores na vista embevecidos;  
 No Olympo os deuses, ignorando a causa,  
 De insolito prazer sentem banhar-se.

A natureza inteira revolveu-se;  
 Sonhada Pythagorica harmonia  
 Nas espheras soûu mais branda, e doce.  
 Aos entes todos pelas veias lavra

O incentivo do gôsto: gemem ternas,  
 Que ha pouco huivárão, pelo bosque as feras;  
 Arrulhárão d'amor meigas pombinhas;  
 Correu á espôsa o nadador salgado;  
 E nos olhos da amante leu ditoso  
 O constante amator perdão á culpa;  
 A' doce culpa tam querida, e bella!

Ah! muitas vezes não descubras, Venus,  
 Magos encantos; ou verás que em breve  
 A' fôrça de prazer se extingue o mundo.

Ja do extasi accordada um pouco a turba  
 Dos vates se prepara ao doce emprêgo.

Tintas fornece amor, pinceis as graças;  
 E eis no panno avultando a pouco, e pouco  
 Assomos divinaes!.. É ella... é Venus!  
 Eis a fôrma gentil do corpo airoso  
 Salta, deslisa o fundo apavonado;  
 Roseos descurvão, se arredondão braços;  
 Ondeião n'alva frente as tranças d'evano;  
 Doce brilhão d'amor os olhos meigos,  
 Os meigos olhos, que prazer scintillão,  
 Que o facho accendem dos desejos soffregos;  
 E contra o debil resistir do pejo  
 Do atrevido mancebo a audacia implorão.  
 Nas lindas faces purpureia a rosa,  
 Que insensivel esvai na côr de neve;  
 Surri nos labios o delirio, o encanto,  
 Que importuna razão tam doce affasta,  
 Que ávidos bejos deliciosos, ternos,  
 Annuncios de prazer, mutuão fêrvidos.  
 Despontão no alvo, crystalino collo  
 Os arcanos d'amor, que anceião d'elle,  
 Que a furto ousaste, mui ditoso Anchises,  
 Nas trevas do prazer palpar ardido;  
 Formosos pomos, que ao pastor Idalio  
 Pelo tam cubiçado outr'ora deste...  
 Deste; que bem o sei: (não te envergonhes)  
 Era pobre o pastor, e os seus thesouros  
 Juno lhe franqueou, seus mimos Pallas:  
 Sem troca tam gentil tu não vencêras.

Mas quanto voa nas mui sabias dextas

O divino pincel! Que eburneas fórmãs  
 Voluptuosas surgir das tintas vejo!  
 Que exactas, lindas proporções esbeltas!  
 Que norma tam gentil as regra, as mede!

Ja, por milagre de Cyprina, é prompta  
 N'um momento a grande obra. Ei-los de novo  
 A' vista do retrato absortos, raptos,  
 E, novos Pygmaliões, por elle anceião.

De transportada a deusa ao doce amante  
 Nas mãos a entrega; e: « Ésta (lhe diz) conservã  
 » Cópia fiel da tua amada Venus.  
 » Com ella, ausente, ó caro, te consola,  
 » Quando longe de ti me rettiverem  
 » Cruéis deveres, perfidas suspeitas. »

Admira o joven a belleza, as graças  
 Do mimoso traslado; beja, e rega  
 Com lagrimas d'amor qual um, qual outra.  
 Co' elle, em quanto viveu, sempre abraçado  
 As poucas horas, que ficava ausente,  
 Mitigava a saudade: e quando a morte  
 O mancebo infeliz roubou sem pejo,  
 No templo a deusa o collocou de Paphos;  
 E longas eras recebeu d'amantes,  
 Ternas off'endas, amorosos votos.

Alli, quando natura se empenhára  
 Em dar-te ao mundo, carinhosa Annalia,

Um, e um copiou meigos encantos,  
 Que, ó minha Venus, te compõe, te adornão:  
 Alli, olhos no quadro, os teus formosos  
 Estremada rasgou; alli as faces  
 De neve, e rosas coloriu divinas;  
 Alli risonha bôca, onde contino  
 Foi aninhar-se amor, te abriu mimosa;  
 Alli o collo d'alabastro puro;  
 Os lacteos pomos, que devorão bejos  
 Do faminto amator; lisas columnas,  
 Que sustentão avaras mil segredos;  
 Segredos, que . . . Perdoa: eis-me calado.

Volve a meus versos, compassiva amante;  
 Benignos olhos: para ti voando,  
 Da critica mordaz censuras fogem:  
 Se acolheres o rude offertamento,  
 Serão meus versos, como tu, divinos.

FIM DO ÚLTIMO CANTO.

Um, e nos chamamos de amigos, e  
Que, e minha Yvone, te comprou, e  
Alí, e nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

De novo, e nos chamamos de amigos,  
Alí, e nos chamamos de amigos,  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

De novo, e nos chamamos de amigos,  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

De novo, e nos chamamos de amigos,  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

De novo, e nos chamamos de amigos,  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

De novo, e nos chamamos de amigos,  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e  
Que nos chamamos de amigos, e

NOTAS  
AO CANTO QUARTO.

NOTAS AO C. IV.

NOTAS DO C. IV.

# NOTAS

## AO CANTO QUARTO.

» Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes.

Outros quaesquer poetas, e de mais nomeada porventura, pudéra eu citar; mas quiz, quanto em mim era, e o permittia o assumpto, e a obra, prestar homenagem a dous ingenhos, que honrarão a patria, e a lingua; e dos quaes o primeiro depois d'uma fama gigantesca, e maior que seu merecimento, passou a ser enxovalhado por quanto Mevio, e Bavio sabe dizer — *Traduziu, traduziu, traduziu tudo* — como se um traductor como Bocage não fosse um poeta de muito merecimento, e de muito maior, que tantos originalistas de nome (de nome sim; que realmente deus sabe o que é); como se Pope, Dryden, Annibal Caro, João Franco Barreto, e tantos outros illustres traductores não figurassem mais na republica litteraria que tantos *epicos modernos* . . . . Eu não sou dos apaixonados do privilegio exclusivo, que ha certo tempo obtiverão entre nós as traducções. Uma nação que assim obra por espirito de priguica, ou menos-preço de si propria, em vez de enriquecer sua litteratura, empobrece-a, e perde-a. De J. B. Gomes, e da sua Castro tanto mal, como bem se tem dito. Não a dou por uma tragedia perfeitamente regular, não a comparo ás grandes peças de Racine, e Alfieri; mas sei que tem muitas bellezas, e que n'um theatro tam pobre, como o nosso, é digna de muita, e muita estimação. Para criticar a Castro de Gomes é preciso enchugar muitas vezes as lagrimas, que ella excita continuamente.

» *Calcando a juba dos Leões gryphanhos* »  
» *Parando às Águias etc.* »

Revoluções de 1640, e 1808.

» . . . . *Ah! se aura amiga*  
» *Continúa a soprar . . . .* »

Em Roma, assim como na Grecia, se formarião Zeuxis, e Apelles, se os Romanos dessem a Fabio as honras, que seus talentos merecião. Diz Cicero algures nas Questões Tusculanas,

» *Inviolavel lei um teu desejo.* »

Nação nenhuma ( diz Florian no *avantpropos de Sanchez* ) possui a arte d'amar, como a Portugueza.

» *Os feitos dignos de perene historia.* »

. . . . as cousas . . . .  
Que merecerem ter eterna historia.

CAMÕES *Lus.* Cant. 7.

» *Sensíveis corações, vinda espelhar-vos etc.* »

Vidi saepius inscriptionis imaginem, et sine lacrymis transire non potui.

S. GREGOR. II, *Concil. Nicen.* act. 40.

» *Prazeres do christão, doçuras d'alma.* »

Le nouveau testament change le genie de la peinture. Sans lui rien oter de sa sublimité, il lui a doné plus de tendresse.

CHATEAUBRIAND *Gen. du Chr.* part. III, Livr. I, cap. 4.

» *Portento d'expressão , viva faisca*  
 » *Do lume eterno . . . »*

Les peintres . . . famille sublime, que le souffle de  
 l'esprit ravit au dessus de l'home.

CHATEAUBRIAND *ibid.*

» *Fastoso monumento d'alta Iberia.* »

Resta ainda resolver o grande problema : *Se a descoberta da America foi util , ou prejudicial á Europa ;* o qual , emquanto a mim , depende d'outro mais generico : *Se as conquistas , principalmente longinquoas , podem ser uteis a uma nação.* Não me atrevo a resolver , nem um , nem outro. As theorias falhão quasi sempre em politica ; bem como em moral. Só noto imparcialmente , que a Hespanha foi poderosissima nação antes do XVI seculo ; que Portugal , se nos tempos de D. Manoel , e João III floreceu , e deu brado na Europa , e no mundo ; depois não fez mais que luctar contra innumeraveis desgraças : que não tivemos mais um João II ; e que as conquistas d'Asia , e Egypto derão por terra com o imperio Romano. — Provém isto das descobertas em si ? — Provém do uso , que dellas se fez ? — Continúa a minha ignorancia. — Os monarchas Hespanhoes fundirão no Escurial , e n'outras cousas desta ordem as immensas riquezas das Indias occidentaes , ganhas á custa de tantos crimes , barbaridades , irreligião , fanatismo , e sacrilegios de Cortêz , e de mil outros. Diminuiu no continente Hespanhol a população ; não se fez o menor caso da agricultura ; o commercio não foi senão passivo ; e , depois d'um breve esplendor , a suberba Hespanha cahiu na miseria d'uma nação pobre , e falta de tudo , a pezar de toda a sua prata. — E que diremos de nós ? — O mesmo , com alguma differença para peor. Todo o homem , que pensa , sabe o que eu poderia dizer neste artigo ; como para estes só escrevo , elles me entendem ; e eu , com o meu silencio , me poupo ás criticas da ignorancia , e da sordida adulação. *E' bem facil de ver , que ésta nota foi igualmente escripta antes do dia 24 d'Agosto.*

» *Terra fertil d'heroes , solo secundo ,*  
» *Salve ! . . . »*

Salve magna parens frugum . . . tellus ,  
Magna virum.

VIRG. *Georg.* Lib.

» *O mimoso sendal , ja pouco avaro. »*

O véo dos roxos lyrios pouco avaro  
CAMÕES *Lus.* Cant. 9.

Diripui tunicam , nec multum rara nocebat.  
OVID. *Eleg.* Lib. I , *Eleg.* 5.

» *Que divinos encantos não descobrem etc. »*

E tuto ciò , che piu la vista alletti.  
TASSO *Gerusal.* Cant. XV , st. 59.

» *Sonhada , Pythagorica harmonia. »*

A harmonia das spheras é um dos sonhos de Pythagoras. Póde-se ver a satyra galantissima destas , e outras philosophicas extravagancias no celebre poema Alemão — *Musarion* — de Wielland : Canto II.

» *Arrulhãrão d'amor meigas pombinhas. »*

Presentem ja no estremecido arrulho

Os propinquos prazeres.

FILINT. *Elys.* Ode a Venus. (Tom. 5.)

» *Roseos descurvão , se arredondão braços. »*

Ἡμῶν δ' ἐπιγνῆια φάιντο ἐδ' ἀκίλυτος ἦϊος.

HOMER. *Odyssea* B. (Lib. II.)

» Ondeição n'alva frente as tranças d'evano. »

Os cabellos, e olhos pretos são os mais estimados dos Romanos — *Nigra oculis, nigraque capillis*: Horat. — Se é mau gosto; confieço que o tenho. Quem amar mais os louros; não tem senão dizer:

» Ondeição n'alva frente as tranças d'ouro. »

Assim, eu, e o leitor ficamos ambos satisfeitos. De mais, até lhe posso ensinar um texto, com que provar o seu gosto. É a auctoridade de Petrarca, que não é peca neste ponto:

L'auro, e i topazj al sol sopra la neve  
Vincon le bionde chiome presso agli occhi.  
PETRARCA, *rime*. Part. I, caus. 9.

» Dêste; que bem o sei . . . »

Assim é de crer piamente; e, comquanto o não digão os DD., eu o penso. O leitor póde ficar pelo que quizer — *salva fide* — pois estas materias são de mythologia, e não de theologia.

» Ja por milagre de Cyprina é prompta. »

Manca il parlar; di vivo altro non chiedi.  
Ne manca questo ancor, se agli occhi credi.  
TASS, *Gerus*. Cant. XVI.

» E novos Pygmaliões por elles anceião. »

Pigmalion, quanto lodar ti dei  
Dell' imagine tua, se mille volte  
N'avesti quel, ch' io sol' una vorrei.  
PETRARCA, *rime*, Part. I, sonett. 58.

» *Admira o joven a belleza . . .* »

Faria, pouco mais ou menos, as mesmas estravagancias com o retrato, que o amante de Julia com o da sua bella.

(Vid. *Nouvell. Heſoï. Part. II, Lett. 22.*)

» *Os lacteos pomos . . .* »

Le pome accerbe, e crude . . .  
TASS. *Gerus. Cant. XVI.*

» *Serão meus versos, como tu, divinos.* »

Me juvat in groemio doctae legisse puellae,  
Auribus et puris dicta probasse mea:  
Haec si contingant . . .  
. . . Domina iudice, tutus ero.

PROPERT. *Eleg.*

ENSAIO

SOBRE

A HISTORIA DA PINTURA.

ENSAIO

SOBRE

Objecto principal desta obra é a historia  
A HISTORIA DA PINTURA.

tiver feito um comprehido estudo nesta materia.  
Menos poderia bastaria talvez para a intelligencia  
do opusculo? fui mais longo, e extenso, prin-  
cipalmente na historia da pintura portugueza,  
por que julguei não dar á mioba esca a uma  
obra, que ella não tenha, a biographia critica  
dos seus pintores: desejo, e confidendo traballar  
no futuro, oxalá que aproveite! Bem pago fico,  
se, entre todos os leitores, deparar com dons,  
em quem haja impressão a amor de boas artes,  
e de patria, que toda a obra require.



# ENSAIO

S O B R E

## A HISTORIA DA PINTURA.

---

**O** Objecto principal deste ensaio é a historia da pintura. A maior parte do meu poema será inintelligivel sem elle a todo o leitor, que não tiver feito um comprido estudo nesta materia. Menos porem bastaria talvez para a intelligencia do opusculo: fui mais longo, e extenso, principalmente na historia da pintura Portugueza, porque julguei util dar á minha nação uma coisa, que ella não tinha, a biographia critica dos seus pintores. Sobejo, e enfadonho trabalho me deu: oxalá que aproveite! Bem pago fico, se, entre todos os leitores, deparar com dous, em quem faça impressão o amor de boas- artes, e da patria, que toda a obra respira.

## CAPITULO I.

*Dos Pintores Gregos, e Romanos.*

O numero dos pintores Gregos, e ainda Romanos, cujos nomes chegarão até nós, é grande; mas o daquelles, cujas obras, ou maneiras conhecemos, é bem diminuto. O respeito da antiguidade com tudo no-los faz admirar, por ventura mais, do que o seu merecimento exige. Os quadros modernamente descobertos nas cinzas do Herculano, e Pompeia, alguns *frescos* conservados nas ruinas de Roma, e outras cidades de Italia tem sobejamente mostrado aos entendedores imparciaes, que a pintura dos antigos, ainda mesmo no seu maior auge, não pôde soffrer comparação com o menor quadro dos *Rafaelos*, dos *Corregios*, dos *Caraccis*, nem mesmo d'outros pintores de segunda ordem das modernas escholas. Duas coisas principalmente faltavão aos antigos pintores. Uma, as tintas, cujas bellas composições, descobertas em mui posteriores seculos, absolutamente ignoravão; não conhecendo, senão as terras de côr, e os metaes calcinados; faltando-lhes aquellas côres, que dão o tom medio, entre a luz, e a sombra, que formão o matizado, e assombrado, e exprimem a natureza tal qual ella é, e com toda a sua formusura: outra, o conhecimento das leis da perspectiva, como bem mostrão todas as suas

obras, que nos restão: defeito este, que salta aos olhos, e de impossivel disfarce. Só aquelle cego fanatismo, que faz cançar os pedantes no estudo do Hebraico, e Syriaco, e d'outras inúteis antigualhas, póde achar nos quadros Gregos, e Romanos bellezas, não digo superiores, mas iguaes ás das magnificas pinturas do bom tempo das modernas escholas, e ainda mesmo das de hoje; com quanto a pintura, á excepção da Franceza, bastante se approxima da decadencia pelo espirito servil, mania das copias, e mal entendida imitação.

## C A P Í T U L O II.

### *Restauração da pintura na Italia.*

Cimabúe, nascido em 1230, (\*), e morto em 1300, é conhecido em toda a Europa pelo honroso titulo de restaurador da pintura. Ouviu os principios de sua arte d'alguns pintores Gregos vindos a Florença, que ainda conservavão restos do bom stylo da nação: aperfeiçãoou-se depois com o estudo, e imitação dos poucos modelos antigos, que então apparecião na Italia. Preciosas descobertas, que se forão pelo andar dos tempos fazendo, pouco a pouco desteriárão a barbaridade, que, entre as outras boas-artes,

(\*) Pruneti o faz nascido em 1240 — 10 annos depois.

tinha tambem sepultado a pintura. As estatuas, os quadros, os relevos arrancados das cinzas, e ruinas dos famosos monumentos Romanos, quantos mestres, quantos primores d'arte, d'architectura, sculptura, e pintura não derão á Europa! Miguel Angelo confessava dever toda a sua sciencia ao assiduo estudo, que por toda a vida fizera no *tronco* (\*) de Hercules, no *gruppo* (\*\*) de Lacon, no Apollo (\*\*\*) do Belveder, e n'outros modelos da bella antiguidade.

Com quanto porem a pintura, e mais boas artes não possão propriamente dizer-se restauradas antes do seculo de Leão X, que foi o de Raphael, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, etc.; Cimabúe com tudo foi o pae da pintura moderna; suas obras espalhadas pela Italia renovárão o bom gôsto, e abrirão os alieceres, sobre que se havia depois formar o grande edificio das escholas Florentina, Romana, etc.

Todavia, em abono da verdade devemos confessar, que, posto que Cimabúe possua com razão o titulo de restaurador da pintura; outros antes d'elle houve, que se o não excedêrão, lhe não forão ao menos inferiores. De Guido de Senna, pintor do XIII seculo existe em uma igreja

(\*) Famosos restos da estatua de Apolonio Atheniense.

(\*\*) Obra de tres esculptores Rhodios Athenodoro, Agesandro, e Polidoro.

(\*\*\*) Estatua bem conhecida,

de sua patria um quadro da Virgem, tão bom, como os melhores de Cimabúe: o seu desenho é de bom stylo, e ainda fresco de côres, apesar de ser feito no principio do mesmo seculo, como indica a inscrição, que se le por baixo.

Me Guido de Sennis  
 Diebus depinxit amenis;  
 Quem Christus lenis  
 Nullis nolit agere penis.  
 A. D. MCCXXI.

Ora, a data deste quadro é anterior ao nascimento de Cimabúe, affirmado por uns em 1230, e por outros (como Pruneti) em 1240; e por isso os Sennenses querem disputar a Cimabúe o titulo, que a elle, e sua patria, Florença, tanto ennobrece. Mas de balde; porque de Guido não se conhece outra obra; e de Cimabúe existem ainda muitas, cuja nomeada o faz hoje mesmo celebre, e conhecido, e que naquelle tempo servirão de modelo aos seus discipulos.

Do principio tambem deste seculo XIII se conservava em Luca um antiquissimo quadro de certo pintor daquella cidade: representava S. Francisco d'Assís. Seu desenho é correcto, posto que um pouco rude; o ar-de-cabeça tem muita expressão, e as mãos são bem trattadas. (\*)

(\*) Advirto, e fique advirtido por todo o decurso deste ensaio, que quando digo, que este, ou aquelle qua-

Dêste , e d'outros alguns monumentos desta época , devemos concluir : que Cimabúe não foi o primeiro , que na Italia começou a pintar com menos defeitos : mas nunca se poderá asseverar , que elle , e sua eschola (a Florentina) não forão os restauradores , e paes da moderna pintura.

O que Pruneti diz a este respeito não destroi os meus principios.

Ja mais as sciencias , e artes forão de repente á perfeição. Antes de Socrates , e Platão existiu Pythagoras , e outros philosophos , que lhe abrirão o caminho ; antes de Hippocrates , Avicena , e Averroes (\*) houve Esculapio , e outros mezinheiros ; antes de Homero , Hesiodo , e Virgilio , havia Orpheus , e Linos ; Eschylo , Sóphocles , Euripides , e Aristophanes forão precedidos por Thespis ; os erros de Descartes allumiárão Newton ; Mairet , Rontrou , e Corneille formárão Racine , e Voltaire ; e entre nós finalmente , antes de Camões , Ferreira , e Bernardes houve Gil Vicente , Bernardim , e outros muitos , que lhes franqueárão a carreira poetica. Agora quasi em nossos dias , na brilhante restauração das lettras ,

dro , ou estatua se achão em Roma , Florença , ou outra qualquer cidade ; deve sempre entender-se antes das ultimas revoluções da Europa.

(\*) Não confundo Avicena , e Averroes com Hippocrates : bem sei a distancia de tempos , e merecimentos. Faço porem esta advertencia , porque não leia isto algum Esculapio entusiasta , que grite : *au scandale.*

os Elpinos, os Filintos, os Gomes, e os Bocages não apparecêrão de repente.

Assim gradualmente forão crescendo os pintores na Italia, e adiantando-se a perfeição de suas obras. Nos ultimos parocismos do imperio Grego uma infinidade de professores vi-nhão procurar entre os Italianos um asylo mais seguro, e uma patria menos despótica: e quando finalmente em 1448, tomada Constantinopola por Mahometh II, se extinguiu de todo aquelle phantasma colossal, maior numero ainda se espalhou por todo o meio-dia da Europa, e concorreu para a perfeição da pintura moderna; assim como a alluvião de theologos Gregos concorreu, e muito, para a perpetuação das barbaridades scholasticas, e atrazo das sciencias. São dêste tempo — Giotto, cujas obras se achão ainda em Florença, Piza, e Roma nascido em 1276, e morto em 1336; foi discipulo de Cimabúe, e contribuiu muito para a perfeição da arte pelo bem-ordenado da sua pintura, e boa disposição de figuras.

Masáccio nasc. em 1417, e mort. em 1521 seria o verdadeiro, e completo restaurador da pintura, se vivesse mais tempo; o pouco que delle resta, acha-se em Florença.

Luca Signoreli di Cortona n. em 1449, e m. em 1521; foi celebre pela precisão de desenho, e belleza de composição, todavia fraco no colorido. Notão-se bem estas propriedades nos

seus quadros, que ainda se encontram no Loreto, e Roma. [E este é o ultimo pintor de fama anterior a Leonardo da Vinci, que depois, com Miguel Angelo, foi julgado fundador da escola Florentina.

### C A P I T U L O III.

#### *Da Eschola Romana.*

Apezar de que a eschola Florentina com razão se possa chamar a mais antiga, pois que seus alumnos se começam a contar desde Cimabúe; com tudo a Romana foi, e sempre será como a primeira olhada, não só em favor, e respeito de seu illustre chefe Raphael Sanzio de Urbino; mas pela bellesa de desenho, elegancia de composição, verdade de expressão, e sobre tudo intelligencia de attitudes, que a caracterizão, e sobreelevão a todas as outras.

As descobertas dos grandes monumentos de pintura, e sculptura, que os zelosos cuidados de alguns papas, e outras principaes pessoas de Italia desenterravão todos os dias das ruinas da antiga Roma, formárão o gôsto dos mestres desta eschola, moldando-o no antigo. E tal é a caracteristica das suas producções. Os rasgos mestres daquelles preciosos *antigos* lhes inspirarão uma magestosa solemnidade de expressão nas grandes ideias, que concebião; e ésta mira,

que levárão sempre os pintores Romanos, lhes fez desprezar alguma coisa o colorido: defeito, que bem se esquece por outras, e tão brilhantes qualidades.

Para tecer o elogio da eschola Romana basta nomear Raphael. Que nome nos fastos das boas- artes! Se Virgilio, e Homero não são mais celebres, que Zeuxis, e Apelles; a glória de Raphael quanto é superior á de Tasso, e Ariosto! Não me agrada aquella sentença dos antigos:

— Ut pictura poesis —

*A poesia será como a pintura.*

(BOCAGE.)

A poesia (attrevi-me a pensá-lo assim, e se a novidade não agradar, nem por isso me desdigo) é uma só: aos poetas-pintores, seus primeiros filhos é dado tratta-la viva: os poetas-versejadores só com o véo do mysterio coberta a podem ver, e seguir. A poesia animada da pintura exprime a natureza toda; a dos versos porem, menos viva, e exacta, falha em muita parte na expressão das suas bellezas. Que poeta nos poderia dar uma ideia de Romulo como David no seu quadro das Sabinas? Que versos nos poderião fazer imaginar a Divindade como a transfiguração de Raphael? Que poema nos faria conceber a magestade d'um *Deus Creator* dando fórma ao cáhos, e ser ao universo, como a pintura de Miguel Angelo?

Estas reflexões sobre o parallelo das duas especies de poesia são minhas; por taes as dou, e me encarrego do mal, ou bem, que dellas se pensar. Por ventura não foi este o conceito dos antigos; mas a arte mui atrazada entre elles não estava em proporção da nossa; os Gregos não tinham, como nós, Homeros em pintura. Imensas vantagens, como já notamos, lhes levão os modernos pintores; a que de mais accresce o nobre invento da gravura, que (bem como a imprensa nos facilita o tratto dos mais antigos poetas do mundo) transmittre á posteridade, e nações remotas os esmeros da pintura, e ainda da scultura. Os nossos Apelles não podem temer o ser conhecidos pelos vindouros só de nome, e fama, como o é por nós o dos antigos; a estampa lhes assegura o conhecimento *de facto* no mais remoto porvir, e mais longes climas.

Mui fertil foi a eschola Romana; grande é o numero dos seus pintores: daremos de cada um delles uma brevissima, porem exacta noticia: desta maneira terá a mocidade applicada como em synopse, e sem o trabalho enfadonho de revolver muitos, e antigos cartapacios, a historia completa desta, e das outras escholas, em que seguiremos o mesmo methodo.

## SECULO XVI.

Rafaelo Sanzio d'Urbino, nascido em 1483, morto em 1520, facilmente julgado o principe dos pintores: nenhum (se não for o moderno Francez, Mr. David) poderá rivaliza-lo. O brilhante colorido de Ticiano, a belleza das tintas de Corregio, a gigantesca altivez de Miguel Angelo não fazem a menor sombra á gloria do grande Romano. Raphael levou a sua arte ao grau de perfeição, de que é capaz a humanidade. Pertender dar uma ideia delle é tentar o impossivel: o estudo das suas producções é o unico meio de o conhecer. Elle ainda vive repartido por seus quadros, um dos mais bellos, e ricos ornamentos das cidades, que os possuem. Digão-o os templos de Roma, as casas dos principes, o Vaticano (onde existe a sua famosa *Biblia*), e sobre tudo a igreja de *S. Pietro in monte* situada no Janiculo; onde se conserva o primeiro quadro do universo, a unica producção da arte, que excede a natureza, a maior honra do ingenho humano, a melhor obra de Raphael, a sua *Transfiguração*. Tal foi um dos primeiros homens do mundo, de quem (e com mais razão por ventura, do que Horacio dizia de si) podêmos asseverar, que não morreu todo: *Non omnis moriar*; ou como ja se disse em Portuguez: *O sabio não vai todo á sepultura*. A belleza principal das suas obras é o desenho, e actitudes.

Julio Romano (Giulio Pippi) n. 1492, m. 1546; foi discipulo de Raphael. Em suas obras, que principalmente se achão em Roma, se ve que o character deste pintor era a fôrça, e ardimento: o seu colorido é obscuro, mas o desenho admiravel.

João Francisco Penni (il Fattore) n. em 1488, m. em 1528; trabalhou quasi sempre debaixo das vistas, e pelos desenhos de Raphael, seu mestre. Suas obras principaes são as gallerias do Vaticano.

Polidoro de Caravagio n. 1495, m. 1543; foi bom colorista, correcto no desenho, nobre, e fero nos ares de cabeça.

José Ribera, Hespanhol, e por isso dito *il Spagnoletto*, nasc. em Valença em 1589, e m. em 1656. O seu character é o vigor, e expressão: todas as figuras austeras, e carregadas, prophetas, philosophos, tudo quanto exige um pincel forte, e vigoroso, sahia de suas mãos, como das da natureza. Suas obras principaes existião na cartuxa de Napoles; e entre ellas, a mais conhecida é a collecção dos prophetas.

Perrino del Vague Buonacorsi n. 1500, m. 1547; foi tão feliz imitador do stylo de Raphael, seu mestre, que muitos de seus quadros passão por delle.

Innocenzio d'Imola n. . . , m. . . ; desenhou segundo a maneira de Raphael, mas coloriu muito bem. Seus quadros são preciosos, e raros.

Giulio Clovio n. 1498, m. 1578. Trabalhou sempre em miniatura, e aprendeu o desenho com seu mestre, Julio Romano.

Federico Barrocci n. 1528, m. 1612. Suas excellentes obras, que se achão em Milão, Bologna, Pesaro, Loreto, e Roma, se distinguem pela belleza do colorido (pouco vulgar na sua eschola) e que assemelha ao de Corregio, grande exactidão de desenho, muita sciencia de luz, e graciosos ares de cabeça.

Thadeo, e Federico Zucaro, irmãos: morto o primeiro em 1566; o segundo em 1609. Thadeo tinha grande ingenho, e bom colorido; Federico, menos habil, acabou quasi todas as obras, que seu irmão começára. Achão-se em Veneza, Tivoli, e Roma.

Antonio Tempesta n. 1555, m. 1630. Foi eminente em batalhas, caçadas, mercados, animaes etc. — Roma. —

José Cesar d'Arpin (Il cavalier Guiseppino) n. 1560, m. 1640. Seus quadros grandes, que se vem no Capitolio, são historicos, e bons; e notaveis, sobre tudo, pela belleza dos cavallos.

Michel Angelo Ameriggi da Cavarraggio, n. 1569, m. 1609. Suas obras são mui faceis de conhecer pelo ar de relêvo, que dava a todas as figuras por via do assombrado. Esta originalidade imita bem a natureza. O seu desenho é preciso, e fero, — Roma, e Napoles. —

Domenico Feti n. 1589, m. 1624. Imitou o *antigo*, e Julio Romano; donde houve um caracter de desenho fero, e vigoroso, com quanto incorrecto. Seus quadros, mui procurados, se distinguem por uma graça particular, e picante. — Roma. —

Giovanni L'anfranco n. 1581, m. 1647. Foi eminente nas grandes obras, como plafundos, cupullas, etc. — Napoles.

### SEculo XVII.

Pietro Beretini di Cortona n. 1596, m. 1669. Todas as suas ingenhosas producções tem um ar de nobreza, que encanta. Mas a obra prima deste grande mestre é o *roubo das Sabinas*, que le Brun servilmente copiou. — Roma, e Florença. —

Mario Nuzzi di Fiori n. 1599, m. 1673; alcançou um grande nome pela maneira excellente de pintar flores.

Michel Angelo Cerquozzi dito o *das batalhas, e bambochatas*: nasc. 1602, m. 1666; teve um colorido vigoroso, e um pincel ligeiro. Era tão habil no seu genero, que pela simplez narração d'uma peleja, traçava logo a ordem do quadro no mesmo panno, em que a havia de pintar. — Roma. —

Claudio Geleo (Lorrain) n. 1600, m. 1682. Todos conhecem este nome; todos sabem que foi

o príncipe dos paizagistas. Ninguém conheceu como Lorrain a perspectiva aerea, e o effeito dos pontos de vista. — França. —

Andrea Sacchi n. 1599, m. 1661. Suas pinturas ternas, e graciosas são admiraveis pelo desenho, colorido, e verdade de expressão.

Domenico Passignani pelos annos de 1630, pintou com gôsto, e nobreza, muita expressão, porem mau colorido. — Florença.

Pietro Testa n. 1611, m. 1648; moldou o seu stylo nos antigos de Roma, donde houve um bom, e correcto desenho, com quanto rude. — Roma. —

Salvator Rosa n. 1614, m. 1673. Trabalhou muito; e suas obras se achão por toda a Italia: todas ellas tem um ar de originalidade, que as distingue, muita verdade; e bom colorido; porem o desenho não é perfeito.

Carlin Dolce n. 1616, m. . . ; célebre pela graça da composição, e frescura do colorido. — Roma. —

Hiacinto Brandi n. 1623, m. 1719 (outros querem que em 1691.) Seus quadros são muito vulgares; a pezar das incorrecções do desenho, e fraqueza de côres, teve com tudo uma belleza d'ornato, e fecundidade de imaginação, que admira.

Carlo Maratti n. em 1624, m. 1713; foi eminente nos ares de cabeça: seu desenho é mui assisado, e seu colorido brilhante. Todas

as composições deste mestre encantão, e são bem acabadas.

Luca Giordano n. 1632, m. 1705. Seu merecimento principal é a facilidade, e presteza, com que trabalhava: muitas obras delle são d'uma bella expressão.

João Baptista Bacici n. 1639, m. 1709; retratava bem; e os seus quadros mostram muito talento, e bello colorido.

Mattia Preti (Il Calabrese) teve o ingenho mais feliz na invenção; bella, e rica ordem, e muita originalidade. Nasc. 1643, mort. 1699.

José Passari n. 1654, m. 1714; discipulo, e imitador absoluto de Carlo Maratti.

### SEculo XVIII.

Francesco Solimèni n. 1655, m. 1747. Bella imaginação, muito talento, um desenho fero, e correcto o constituem n'um dos primeiros lugares da pintura; com quanto o seu colorido seja sombrio, e pouco doce. A grande qualidade porem deste mestre, e em que elle sobreexcedeu a todos, é o ar de vida, animação, e movimento das suas figuras. — Napoles. —

Sebastião Concha morto pelos annos de 1740. Imitou Solimèni; mas o seu genio frio o não ajudava. Com tudo no hospital de Sienna ha delle uma boa pinturá a fresco.

Paolo Panini, vivo em Roma ainda no anno de 1767. Tem bom colorido, e muito espirito.

Paolo Monaldi do mesmo tempo foi pintor de *bambochatas* muito estimadas.

Pompeio Battoni, retratista, e pintor historico: o seu colorido é bem imitado de Corregio.

Muitos outros pintores, posto que não de grande fama, tem produzido mais modernamente a eschola Romana; mas não temos delles sufficiente conhecimento para podêr formar um exacto conceito.

#### C A P I T U L O IV.

##### *Da Eschola Florentina.*

A eschola Florentina é, por sua antiguidade, a mais respeitavel: seu primeiro mestre foi Cimabúe; com quanto, fallando em rigor, só Leonardo da Vinci, e Miguel Angelo mereção (como ja notámos) o nome de fundadores. As obras dos seus allumnos occupão um logar mui distincto nas colleccões mais ricas; e a Italia, e toda a Europa se julga com elles ennobrecida. Seu gôsto de desenho é fero, e decidido; sua expressão sublime, algumas vezes atrevida, e gigantesca, e mesmo contra-natural, mas sempre magnifica; o colorido nos seus principios era rude; apperfeioou-se depois, sem perder nada da sua viveza, magnificencia, e outras

brilhantes qualidades. Esta eschola é a menos numerosa, mas não a menos célebre.

### SECULO XVI.

Leonardo da Vinci n. 1445, m. 1520, um dos grandes ingenhos do seu seculo, foi sculptor, architecto, e pintor. Seu desenho é correcto, e puro, e suas obras todas d'uma composição ingenhosissima; das quaes a melhor é sem questão o grande quadro da ceia em Millão. Foi muito estimado de Francisco I de França, em cujos braços morreu. O canal de Millão foi dirigido por elle.

Pietro Perugino n. 1446, m. em 1524. Coloriu graciosamente; mas, a pezar de ser discipulo de Cimabúe, todos sabem quanto é rude o seu ingenho.

Fra Bartholomeo della Porta n. 1465, m. 1517, formou seu delicado gôsto no de Vinci, donde houve muita correcção, e pureza. Seu colorido é bello, e natural. Rafaelo não se dignou de aprender delle a arte de colorir, ensinando-lhe em trôco as necessarias regras da *perspectiva*. — Roma, e Florença. —

Miguel Angelo Buonarroti n. 1475, m. 1504; sculptor incomparavel, magnifico architecto, pintor sublime; não póde decidir-se a qual das boas-artes pertenceu mais: suas estatuas, seus edificios, seus quadros, tudo mostra

o maior homem do seu século. Teve uma maneira de pincel altiva, e fera, e em geral semelhante á da sua escola; vastíssima concepção, ideias sublimes, e arrojadas, e muita expressão, e vigor. Seus quadros principaes se achão na capella Sixtina do Vaticano. A antiguidade toda, e talvez os séculos posteriores não tem nada, que oppor a tão grande ingenho: seus quadros são inferiores aos de Raphael, e por ventura aos de alguns outros ainda; porem Miguel Angelo é mui superior a todos elles.

Andrea del Sarto n. 1478, m. 1580; foi o maior colorista da escola de Florença; suas obras, em que se distingue uma maneira larga, e um pincel fresco, e brando, conservão ainda hoje um brilho singular.

Baltazar Peruzzi n. 1481, m. 1536; além dos grandes mestres, estudou sobre tudo a natureza, foi grande na perspectiva, porem fraco no colorido. Ninguem antes de Peruzzi executou com gôsto uma decoração de theatro.

Giacomo Pontormo n. 1494, m. 1559; desenhou como Leonardo da Vinci, e coloriu como Sarto. Seu pincel vigoroso, seu colorido brilhante, sua imaginação bella, e fecunda o fizeram olhar por Mig. Ang., e Raphael como seu mais temido rival; e se a louca mania de imitar as maneiras Alemans o não fizesse mudar de stylo, por ventura os dois grandes mestres não gosarião sós da glória do primado.

Macherino de Sienna (chamado Domenico Beccafumi) n. 1484, m. 1549; desenhou com gosto, e correccão, mas coloriu mal.

Mestre Rosso, ou Roux (como lhe chamão os Francezes) n. 1496, m. 1541; pintou com muita expressão, e viveza, porem ás vezes um pouco rude. Trabalhou quasi sempre em França, onde teve muitos discipulos, e de cuja eschola é julgado fundador. — Fontainebleau. —

Alexandre Allori n. 1535, m. 1607; foi gracioso, e macio, e desenhou com toda a pureza do antigo.

Francisco Rossi (il Salviati) n. 1510, m. 1563; e muito estimado pela grande intelligencia de luz; desenhou, e coloriu bem; seus quadros se distinguem pelas singulares attitudes das figuras. — Florença, e Bolonha. —

Jorge Vasari n. 1511, m. 1574; muito célebre pelas vidas dos pintores, que escreveu: seu desenho é bom, mas sem energia, e seu colorido fraco. — Roma. —

Jacoppino del Ponte n. 1511, m. 1570; as suas maneiras são as de Andrea del Sarto, seu mestre. Foi o melhor retratista da sua eschola.

## SEculo XVII.

Daniel Baciarelli de Volterra n. 1579, m. em 1625; desenhou bem, e o que lhe deu grande nomeada sobre tudo, foi a sua *descida*

*da cruz na igreja della Trinitá del monte em Roma.*

Ludovico Ciogli n. 1559, m. 1673, pintou d'uma maneira firme, e vigorosa; mas coloriu principalmente com o pincel de Corregio.

Francesco Vanni n. 1563, m. 1615. Coloriu muito bem, e desenhou soffrivelmente.

João Manozzi (Giovani di S. Giovanni) n. 1490; m. 1636; foi um dos melhores pintores de sua eschola; seus quadros, que mostram muita intelligencia de perspectiva, e architectura, se achão em Roma, principalmente no palacio Pitti.

## C A P I T U L O V.

### *Da Eschola de Bolonha.*

A eschola de Bolonha, ou Lombarda juntou em si quanto póde produzir a perfeição da arte. Talvez (geralmente fallando) nenhuma das outras o conseguiu tanto. O antigo foi o seu modelo; mas sem uma servil, e exclusiva imitação; não tratou de formar systemma; ou, se o formou, foi extrahindo de todos o que achou melhor. As bellezas vivas, e sensiveis da natureza, a verdade de expressão, a riqueza da ordem, a pureza dos contornos, a facilidade admiravel de pincel, e sobre tudo o colorido da mesma natureza, verdadeiro, e encantador; tudo emfim, quanto offerece a pintura, bello,

e terno, tudo reunirão os com-allumnos de Corregio.

Auctores á hi (como Pruneti) que dividem estas duas escolas de Bolonha, e Lombardia; porém a geral opinião é a que sigo. Sobre o chefe, ou fundador desta escola, diversos são tambem os conceitos, querendo uns que seja Francia, outros Mantegna: a questão é de pouca utilidade.

### SEculo XVI.

Francisco Francia n. 1450, m. 1518. Suas obras são d'um desenho muito assisado, e mui boa côr para o seu tempo. Raphael lhe enviou o seu quadro de *Santa Cecilia* para que o corrigisse. Diz-se que a inveja, e dor de ver tam perfeita obra em um mancebo de tão pouca idade, lhe causára a morte.

Andrea Mantegna n. 1451, m. 1517; seus quadros rarissimos conservão aiuda muito brilho, e são de melhor desenho, que os de Francia.

Francesco Primaticio Bolognesse n. 1490, m. 1570; coloriu graciosamente, e desenhou no stylo de Julio Romano. Alguns, como Pruneti; o querem fazer chefe da escola de França, onde quasi sempre viveu, e pintou.

Antonio Allegri (Corregio) n. 1494, m. 1554. Tinha chegado á perfeição da arte, e

ignorava o seu merecimento. O *antigo*, Raphael, Vinci, etc., tudo lhe era desconhecido; não sabia senão a natureza. Ouviu gabar muito um quadro de Raphael, observou-o, e conheceu o seu proprio merecimento; soube o que valia, e nem porisso foi mais vaidoso; antes continuou a dar por mui rasteiro preço seus inextimaveis quadros, cujo colorido, e frescura de pincel ainda não pôde ser imitado.

Francesco Massuoli (o Parmezão, ou Parmegianino) n. 1504, m. 1540. Maneiras graciosas, colorido fresco, e natural, muita facilidade, e correção no desenho o constituirão um dos primeiros pintores da sua rica, e fecunda eschola. Os quadros deste mestre são raros, e carissimos.

Lucas Cangiagio, ou Cambiagi n. 1527, m. 1583, ou 85. Pintou com muita facilidade, e, o que é de admirar, com ambas as mãos ao mesmo tempo. Teve muita verdade, e viveza, e tal expressão nas figuras, que parece que fallão;

*Manca il parlar: di vivo altro non chiedi;  
Ne manca questo ancor, se agli occhi credi.*

(TASSO Gerus.)

Os Caraches, Carachas, ou Caraccis, (segundo a nacional, e verdadeira orthographia) mais celebres, e conhecidos são tres. Luiz Ca-

racci n. 1555, m. 1618; estudou muito os grandes mestres, e adquiriu uma maneira nobre, e verdadeira, expressão, e belleza de colorido. Instituiu uma academia ajudado de Agustinho, e Annibal Caracci, seus primos, na qual se formáram Albano, Guido, Guercino, e outros illustres artistas. — Agustinho Caracci desenhou perfeitamente, e coloriu bem: dos tres é o menos célebre; n. 1558, m. 1603. — Annibal Caracci n. 1560, m. 1609; foi superior a seu irmão, e primo; teve um stylo nobre, e sublime, desenho preciso, e fero, e colorido muitas vezes admiravel. A galeria *Farnesi* é de todas as suas obras a mais famosa.

Bernardo Castelli n. 1559, m. 1629; grande amigo de Tasso, a quem retratou, bem como a quasi todos os bons poetas do seu tempo. Foi insigne neste genero: desenhou bem, e coloriu melhor.

Guido Rheni (o Guido) n. 1575, m. 1624. Costumão distinguir-se tres maneiras differentes neste pintor famoso: a 1.<sup>a</sup> forte, e assombrada; a 2.<sup>a</sup> natural, e bella; a 3.<sup>a</sup> terna, e doce, porem mais fraca. Pintava com a maior facilidade.

#### SEculo XVII.

Francesco Albani (o Albano) n. 1578, m. 1660; deu-se absolutamente aos assumptos galantes, e graciosos: seu genio doce, e terno o

determinou na escolha. O nosso Vieira Portuense o estudou muito, e imitou bem.

Domenicho Zampierri (Domenichino) n. 1581, m. 1641; observou sempre uma ordem magnifica nos seus quadros, muita nobreza, correcto desenho, e verdade de expressão.

Francesco Barbieri da Cento (o Guerchino) n. 1590, m. 1666. Trabalhou com uma facilidade incrível: e os seus quadros se encontram por toda a parte: teve um desenho fero, e expressão nobre: mas o colorido não é igual. Sua 1.<sup>a</sup> maneira é escura, e fraca; a 2.<sup>a</sup> é mais dura, e fortemente assombrada; a 3.<sup>a</sup> é bella, e encantadora, e participa do gosto de Ticiano, e Corregio. Nos fins de sua vida, porem obrigado da miseria, trabalhou mal, e sem gosto.

Luciano Borzoni n. 1590, m. 1645. Verdade, e intelligencia de expressão, e delicioso colorido o fizeram um excellente pintor. Teve dois filhos, que o imitarão, e se distinguirão; sobre tudo Francisco Borzoni nas paizagens, e marinhas.

João Francisco Frimaldi n. 1606, m. 1688. Coloriu suavemente, e com harmonia; suas paizagens são excellentes.

Benvenuto da Ferrarã (o Garofalo) n. 1615, m. 1695, foi muito bom colorista, e desenhou bem. As suas cópias de Raphael são muito estimadas.

Beneditto Castiglioni. Sua pureza de dese-

inho, frescura de colorido, delicadeza de toque, e grande intelligencia de *claro-escuro* fizeram os seus admiraveis quadros preciosissimos, e caros. Nasceu 1616, m. 1670.

Carlo Cignani n. 1629, m. 1673. Teve muito boa composição, e desenho; mas pouca expressão por causa do *muito-acabado* dos seus quadros. — Bolonha. —

### SEculo XVIII.

Thiarini, chamado o *expressivo*, morto pelos annos de 1750; teve muita expressão, e um colorido vigoroso: exprimiu bem as paixões.

Izabel Cirani, do mesmo tempo. Estudou com proveito os grandes mestres: adquiriu um gracioso colorido; e, com quanto preferia os assumptos terriveis, executou muito melhor os doces, e ternos.

Marcantonio Franceschini (o Francesquino) morto em 1729. Seu colorido é muito engraçado, seu desenho preciso, e sua maneira tem uma bella simplicidade. Os quadros de Francesquino tem muita estimação, e valor. — Bolonha. —

Marcos Benefiale n. 1684, m. 1764; foi um dos bons mestres de sua escola por seu correctissimo desenho, grande energia, e expressão, e fecundidade de pincel. — Roma. —

## CAPITULO VI.

*Da Eschola Veneziana.*

A eschola Veneziana, que reconhece por fundadores os Bellinis, Giorgione, e Ticiano, produziu excellentes pintores, que imitarão a natureza com uma fidelidade, que seduz os olhos. Seu colorido é sabio, e encantador, seu *claro-escuro* de muita intelligencia, a imaginação bella, a ordem rica, e os mais galantes, e spirituosos toques; em fim, sua maneira é originalmente encantadora, sobre tudo nas formosas, e sabias composições de Ticiano, e Paulo Veronese. Os grandes mestres desta eschola desprezárão todavia alguma cousa o desenho; tam essencial á boa pintura. Ticiano, e Giorgione elevárão o modo Veneziano a um ponto, que será difficil iguala-los. Nota-se em geral a esta eschola pouco conhecimento do *antigo*, e attitudes.

## SEculo XV.

Gentil, e João Bellini mortos, o primeiro em 1501, o segundo em 1512, e mui velhos. Seus quadros rarissimos mostram ainda um desenho verdadeiro, mas sem ordem: seu maior merecimento é terem sido mestres de Giorgione, e Ticiano.

Giorgione de Castel-franco n. 1477, m. 1511. Sciencia de claro-escuro, ordem, colorido, e desenho o elevárão em brevissimo tempo (pois viveu só 34 annos) á perfeição.

### SECULO XVI.

Ticiano Vecelli da Cadore n. 1477, m. 1576. Suas obras espalhadas por toda a Europa fizerão conhecer este mestre, que percorreu uma longa, e feliz carreira, vivendo 99 annos; um quasi inteiro, e glorioso seculo empregado na mais nobre das artes. Ignorou o *antigo*, e falhou no desenho; mas o colorido de Ticiano, e sua expressão, assim como não tiverão modelo, não terão imitadores.

Gio Antonio Regillo (il Podernone) n. 1484, m. 1540. A belleza de seu colorido, facilidade de desenho, e apurado gôsto de invenção o fizerão temer muito de Ticiano. Nada mais é necessario para seu elogio.

Sebastião Piombo n. 1485, m. 1547. O quadro da *ressurreição* de Lasaro, feito para oppor ao da *transfiguração* de Raphael, lhe adquiriu muita fama; e Miguel Angelo, cujo é o desenho do dito quadro, quiz por via delle disputar a Raphael o primeiro logar; mas a expressão, e colorido de Piombo não poderão triumphar do incontrastavel merecimento de seu illustre rival.

Giacomo Ponte Bassano n. 1510, m. 1592. Amou os assumptos communs, em que foi grande: seu stylo é verdadeiro, e as suas côres excellentes.

André Sciavone n. 1522, m. 1582; deſenhou incorrectamente; porem coloriu tam bem, teve um modo tam facil, e engraçado, tam bom gôsto nas roupagens, e tam bellas attitudes, que se lhe não pôde negar o titulo de grande pintor.

Giacomo Robusti (il Tintoreto) n. 1524, m. 1594. Uma imaginação vivissima, uma rapidez incomprehensivel, e um finissimo gôsto o elevárão á primeira ordem dos mestres. É prodigioso o numero de suas obras.

Paolo Calliari Veronese (Paulo Veronese) n. 1532, m. 1588. Seus quadros farão sempre as delicias dos amadores da arte pela riqueza d'ordem, belleza de caracteres, bom gôsto de roupagens, frescura de colorido, e nobre elegancia de figuras.

Giacomo Palma (Palma il Vechio) n. 1540, m. 1588; imitou a natureza sempre bella, e com um *bem-acabado* sem affectação.

#### SECULO XVII.

Tiago Palma (Giacomo Palma il giovane) n. 1544, m. 1628. Foi discipulo de Tintoreto, que imitou optimamente.

Carlos Veneziano n. 1585, m. 1625. Seu colorido imita bem Corregio, e suas physionomias engraçadas as de Guido.

Alessandro Veronese dito o *Turchi*, ou *Orberto* n. 1600, m. 1670; desenhou bem, e coloriu como um Veneziano.

### SEculo XVIII.

Giam Battista Piazzeta morto no fim do XVIII seculo. Seu colorido é mau, mas o desenho imita muitas vezes, e com verdade, a nobre altivez de Miguel Angelo.

Rosa Alba Carriera n. . . , m. 1761. Seus retratos, e pasteis são conhecidos em toda a Europa; seu principal merecimento é o novo gôsto, e maneira singular, com que trabalhou em miniatura.

## C A P I T U L O VII.

### *Da Eschola Flamenga.*

A eschola Flamenga é a de Rubens, Wandick; tanto basta para o seu elogio. — Van-Eick, tam conhecido pelo invento da pintura a oleo, foi o seu chefe. Quem amar a nobreza do pincel Romano, a bella arrogancia do Florentino, as graças do *antigo*, as gentilezas Gregas; não será decerto muito apaixonado

das produções Flamengas. Os gelos do paiz, o temperamento frio dos habitantes são as causas necessarias, e naturaes do pouco fogo, que se lhes nota. Mas, em trôco desta falta, que bellezas lhes não achará o amator imparcial, e singello! Ninguem, senão os pintores Flamengos, apresenta em seus quadros um *bem-acabado*, um *completo*, que parece superior á paciencia humana; uma fidelidade original na imitação da natuteza, que encanta, e admira. O seu defeito todavia é o menos-preço daquella generica, e fundamental regra das boas artes: *Imitar a bella natureza*; isto he, *saber extremar nella o bello do mediocre*. Nisto falhárão de certo, exprimindo-a muitas vezes com a cega punctualidade, e o *verbo ad verbum* d'um *fidus interpres*; mas este mesmo defeito (permitta-se-me julga-lo assim, com quanto vou contra o commum parecer) dá muitas vezes ás pinturas Flamengas encantos simplicies, e singellos, que em nenhuma outras se encontrão.

Nesta numerosa eschola se classificão todos os pintores das nações do norte; e se os caracteres, mais que as patrias, devem ser neste ponto os verdadeiros dados, não duvidarei tambem ennumerar nella os poucos bons Inglezes. Nunca pude gostar da pintura Britannica: um contranatural, um monotono, um forçado no colorido, um sempiterno gêlo na expressão, que sempre lhe notei, me fizerão olha-la com

desprêzo, e a não ser o moderno West, (de quem adiante fallarei) de certo os Inglezes avultarião bem pouco neste ramo das boas-artes.

SECULO XV.

João Van-Eich n. 1370, m. 1441; fundou a sua escola, e inventou a pintura a oleo. Nada mais se sabe.

Alberto Durerro n. 1471, m. 1528. Seu desenho é correcto, sua imaginação viva, sua maneira firme; mas falhou muito nos costumes.

SECULO XVI.

João Holbein n. 1498, m. 1554. Sua imaginação é sublime, o colorido vigoroso, e suas figuras tem um ar de relêvo, que engana. Em geral o pintar deste mestre parece mais Lombardo, que Flamengo.

Otam Vaen ou Vaenio n. 1556, m. 1634; formou-se no gôsto Romano, que lhe deu muita correccão de desenho, e belleza de expressão; qualidades, a que ajuntou grande intelligencia de claro-escuro.

Bloemart n. 1567, m. 1647. Um toque expedito, e livre, bellas roupagens, muita sciencia de claro-escuro são os caracteres deste pintor.

Pedro Paulo Rubens n. 1567, m. 1640,

Não será bastante para fazer descer este grande homem do grau illustre de primeiro pintor historico. Não quero, nem devo occupar-me de seus defeitos; releva-me só dizer: que o seu colorido é verdadeiro, e brilhante, sua imaginação fertil, seu claro-escuro sabio, todo elle é encantador. — A galleria do Louxembourg é a sua melhor obra: mas um quadro allegorico da guerra (no palacio ducal de Florença) no meu parecer, e no de muitos, não é inferior. Fogo brilhante, nobreza poetica, côr excellente; (\*) caracteres interessantes, composição precisa, intelligente distribuição de luz; tudo se juntou neste quadro, e n'um grau de formusura, a que só a allegoria póde remontar. A simplez ideia deste painel vale bem uma Iliada, e todos os Klopstocks juntos talvez a não produzissem: «É a *transfiguração* de Rubens» dizia um philologo meu conhecido, alludindo ao célebre quadro de Raphael. «A vida dos homens sabios é o cathalogo de suas obras» diz um grande litterato. (\*\*) Esta sentença desculpa a minha diffusão.

(\*) A muito me affoito, conceituando da belleza de côr d'um quadro, que nunca vi, senão em estampa, e má estampa; mas fio-me na auctoridade de eruditos viajantes. Haverá dous annos que me communicou esta estampa em Lisboa o sabio philologo J. B. S. Dos apontamentos, que então fiz, extrahi esta, e outras descrições, que por ali vão.

(\*\*) Voltaire: *Siecle de Louis.*

## SECULO XVII.

Antonio Wandick n. 1599, m. 1641. Foi discipulo de Rubens, e a maior honra do mestre; verdadeiro, e simplez na imitação da natureza. O seu genero foi o retrato, em que ninguem o excedeu.

Rembran-Van-Ryn n. 1606, m. 1674; foi grande no *claro-escuro*, na harmonia das côres; na imitação do relêvo. Seus quadros são conhecidos pelo fundo negro.

Vander-Kabel n. 1631, m. 1695; distinguu-se absolutamente da sua eschola pela imitação dos Caraccis; e Salvator Rosa.

Eglone-Vandernér, ou Vandernêér n. 1643, m. 1697. Um colorido vivo, um pincel mimoso lhe fizerão naturalmente procurar os assumptos amorosos, em que foi excellente.

Wanderwerff n. 1659, m. 1722. Seus toques são firmissimos, e seu desenho correcto.

## SECULO XVIII.

Antonio Raphael Mengs n. 1728, m. 1779. Tem uma verdade de colorido, e uma facilidade de pincel, que distingue as suas obras de quaesquer outras.

Gerardow, n. . ., bem conhecido pelo seu *Hydropico* que existia no palacio real em Turin, e que Mr. Cochim na sua viagem de

Italia não duvida chamar o melhor quadro Flamengo, e assegura ter sido um dos mais estimados do principe Eugenio. (\*)

## C A P I T U L O VIII.

### *Da Eschola Franceza.*

A eschola Franceza, filha da Bomana (segundo Pruneti) honra muito a sua progenitora. Desde o seculo XVII as Italianas (seu modelo) declinavão muito; ja se não vião Rafaelos, Corregios, nem Ticianos: parece que a natureza, esgotada por tam grandes talentos, queria descansar. E nesta mesma época (principios do seculo XVIII, e fins do XVII) brilhavão em França Le Brun, Le Sueur, Subleyras etc. Veio o seculo XIX tam memorando pelas extraordinarias mudanças, que viu a Europa; e em quanto a revolução Franceza, e suas consequencias aniquilavão em toda a parte (\*\*) as boas artes; a França appresentava ao mundo o mais brilhante espectaculo. Por entre o ruido das armas; e o estrepito dos combates, as margens

(\*) Muito há que li estas viagens, assim como as memorias de Mr. l'Abbé Richard; de maneira que agora não poderei asseverar em qual dos dous encontrei Gerardow, e o seu hydroptico. A' leitura d'ambos remetto os curiosos.

(\*\*) A' excepção da Inglaterra, e Russia, e tambem de Portugal, que então colhia os fructos de todas as fadigas de Pombal, e Manique.

do Sena,

*D'onde, arrancando omnipotencia aos fados;  
Impoz tropel d'heroes silencio ao globo.*

(BOCAGE.)

se ornavão com todo o esplendor das sciencias, e artes. A mesma Theologiã tam sêca, e enfadonha nas mãos de Santo Thomaz; tam immoral nas de Mollina, e Sanches, muda de fórma, toma nova essencia, e na milagrosa penna de Chateaubriand surge com uma belleza, e magestade, que ja mais pudêrão dar-lhe o douto Agustinho, o eloquente Origenes. Com bem justiça, em quanto a mim, se podem a si proprios applicar os Francezes, a respeito das outras nações, aquella sentença de Seneca: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peragerunt.* (\*) Nesta época brilhante, e memoranda, nos fastos da humanidade, das sciencias, e das artes, a pintura renova em Paris os seculos de Augusto, de Leão X, e de Luiz XIV. Os generaes victoriosos trazião de toda a parte os monumentos mais preciosos das boas-artes. O Vaticano, o Belveder, o Capitolio, Roma, tooda a Italia foi exaurida, e suas riquezas de sculptura, e pintura transportadas á nova capital do mundo. Então apparecêrão em França

(\*) Seneca *Epist.* 65.

David, Girodet, e muitos outros, que vão parrelhas com os mais famosos Italianos, se em parte os não excederão. Lavater no seu ingenhoso livro das physionomias não se atreveu a caracterisar os Francezes. Seus genios, e maneiras tam incertos, e incapazes de classificação, como sua variada physionomia, impedem affixar-lhes com exactidão a característica; e philologos por isso houve, que não quizerão considerar na Franceza uma escola; porem esta assersão é sem critica, e pouco seguida. Pruneti no seu *Ensaio Pictorico* accusa a escola Franceza de mau colorido, e ignorancia do antigo. Eu, sem me atrever a contrastar este parecer, julgo que tal imputação não póde ter lugar na moderna escola Franceza; mas sómente se deve referir á antiga. Pruneti todavia não conheceu a escola de David; mas devia conhece-la seu traductor Taborda; devêra studia-la para emendar o seu original, e exceder assim a mediocridade d'um traductor servil, accrescentando-lhe novas ideias. O grande género Francez é geralmente o historico. O chefe desta escola, querem uns que seja Roux, ou Rosso, outros que Leonardo da Vinci: Pruneti assevera que fôra Primaticio Bolognese, e o faz allumno da escola Romana. Eu o classifiquei na Lombarda; mas confesso que me enganei; porque o seu pintar, verdadeira norma, é mais Romano, que Lombardo.

## SEculo XVI.

Vovet n. 1590 , m. 1649. Teve um desenho altivo , e um pincel vigoroso ; mas imitou depois todas as boas , e más qualidades de Mig. Ang. de Caravagio.

Nicolau Poussin : Pruneti o faz nascido em 1594 ; mas Voltaire (*siecles de Louis XIV*) assevera esta data em 1599. A boa critica decide por este , como nacional , e tam instruido nos successos d'um tempo , cuja historia nos deu. O mesmo Voltaire diz que Poussin era chamado o pintor das pessoas de spirito , e accrescenta que tambem das de gôsto se podia dizer, Soube bem o *antigo* , e o desenho ; mas o gôsto Romano lhe deu um colorido sombrio. Sua philosophia (diz o grande escriptor) o fez superior ás intrigas de Le-Brun , e morreu pobre , mas contente em 1665.

Pedro Valentin de Colonier n. 1600 , m. 1632 , imitou Poussin ; teve um colorido harmonioso , boa ordem nas figuras , mas pouca correcção no desenho.

Jaques Blanchard foi imitador feliz das bellezas de Ticiano. Nasc. 1600 , m. 1638.

Le Sueur n. 1617 , m. 1655. Seu ingenho é sublime , e elevado , seu gôsto de roupagens magnifico. É um dos primeiros pintores da antiga escola Franceza.

Pedro Mignard n. 1610, m. 1638. O estudo, e imitação de Raphael, e Ticiano o fizeram algum tempo rival de Le Brun; mas a posteridade imparcial o extremou bem.

Carlos Le Brun n. 1619, m. 1690. Sua composição, dignidade de exprimir, e fidelidade de costumes se conhece principalmente pelas batalhas de Alexandre, que Voltaire julga superiores ás de Paulo Veronese; mas apezar do meu respeito a um tal historiador, e philologo, creio que nisto se engana, bem como no elogio do seu colorido, que todos taxão de menos correcto.

### SEculo XVIII.

José Vivien n. 1651, m. 1735. Retratou bem a pastel, teve muita belleza, e fecundidade de ideias, e executou bem.

Pedro Subleiras n. 1699, m. 1749. Fertilidade de ingenho, grandeza de stylo, viveza de colorido, magnifica perspectiva, boas roupagens são os seus caracteres, e os d'um grande pintor.

João Baptista Santerre n. . . . , m. . . . Seu merecimento principal é um colorido verdadeiro, e terno. O quadro de *Santa Thereza* na capella de Versailles é um dos esmeros d'arte mais preciosos, e bellos; com quanto um pouco voluptuoso de mais, do que ao assumpto, e logar cumpria.

## SÉCULO XIX.

David (\*) é não só o primeiro pintor da moderna escola Franceza, mas por ventura o primeiro do mundo, depois de Raphael. Que vastidão, e sublimidade de ideias! Que fôrça, e verdade no colorido! Finalmente as suas composições reúnem todas as boas qualidades, que apenas se achão dispersas pelos quadros mais famosos das antigas escolas, e que só a elle foi dado juntar. Fallem os prodigiosos quadros de Belisario, do juramento dos Horacios, da morte de Sócrates, e sobre tudo o incomparavel quadro das Sabinas, o *nôn plus ultra* da concepção, e execussão, e a eterna inveja de todos os pintores existentes, e futuros.

Girodet igualmente se tem distinguido muito pela elegancia de suas composições, e suavidade de seu colorido, que nos seus quadros, quer de perto, quer de longe, presenta quasi o mesmo effeito. Não tem as graças viris de David; mas um acabado, uma doçura, uma maneira de exprimir, que o caracterizão, e tornão por extremo encantadoras suas bellas produções.

(\*) Tinha-me feito a mim proprio uma lei de não nomear nenhum pintor vivo; mas o reconhecido merecimento destes, o serem estrangeiros, a necessidade de fallar da moderna escola Franceza, e não podêr fazê-lo de outra maneira, me obrigou a infracção da lei, e quebra do protesto.

Veão-se os quadros do *enterro d'Atala*, e da Virgem.

Gerard por seus excellentes retratos, chamado o Wandick de França, é também pintor historico, e famoso pelo bom arranjo, e ordem de seus gruppos, pannejado, ou trapejado de suas figuras, e bella correccão de desenho. Seus grandes quadros são o Belisario, a Batalha d'Austerlitz, e ultimamente a entrada de Henrique IV em Pariz, que lhe grangeou o logar de primeiro pintor da Camera de Luiz XVIII; não porque Girodet seja superior a David, nem mesmo igual; mas porque soube lisongear a tempo.

Regnault é mui conhecido pela correccão do desenho; porém o seu colorido, em demasia brilhante, é mais contrafeito, que natural: todavia deu muitos, e bons discipulos, e entre elles o mais famoso é:

Guerin tam celebre pelos seus quadros de Phedra, e Hyppolito, de M. Sexto, e da narração d'Eneas a Dido. Seus caracteres são fogo pictoresco, e muita sciencia de *claro-escuro*.

Le Gros bem conhecido pintor de historia segue a David. É mui célebre o seu quadro de Francisco I, e Carlos V em S. Dimiz.

Vernet, filho do Paizagista do mesmo nome, e que no genero de batalhas é sem par. Só elle conseguiu exprimir com todo o fogo, e energia os brutos, que puxão o carro de Neptuno.

## C A P I T U L O IX.

*Dos Pintores Inglezes, e principalmente de West.*

West é o unico Inglez, cujas obras mereção collocar-se a par das boas das outras nações. Os Inglezes não tem o genio da pintura. A natureza do paiz não é bella, o sexo frio, e desleixado; as proporções do corpo em geral irregulares, mal feitas; o caracter da nação duro, e rispido; os costumes ferozes; tudo em fim concorre a impossibilitar a Gram-Bretanha de produzir bons pintores. Um Inglez bem conhecido, o Barão de Chesterfield o confessava, quando n'uma de suas cartas a certa dama Franzeza diz: Every country has talents peculiar to it, as well, as fruits, or other natural productions. We here think deeply, and fathom to the very bottom. Italian thoughts are sublime to a degree beyond all comprehension. You keep the midle path, and consequently are seen followed, and beloved (*CHESTERFIELD Letters: Lett. 444.*) Com tudo West soube distinguir-se de seus compatriotas por um genio vasto, e desenho correcto; mas seu caracter de pintura não é sublime; e o seu colorido (como o geral da nação) contrafeito, e improprio.

## CAPITULO X.

*Dos Pintores Portuguezes.*

Tem-se escripto muito, e muito controvertido sobre a Pintura Portugueza, e sua historia; mas tanto nacionaes, como estrangeiros (affoitamente o digo) sem critica. O exame de seus escriptos, das obras dos nossos artistas me suscitou a ideia de entrar com o facho da philosophia neste cáhos informe, e desembaraçar, quanto em mim fosse, com o fio da critica este inextricavel labyrintho. Não pertendo adiantar ideias novas: pois donde as haveria? Menos ainda refutar as poucas historicas, que temos: pois que documentos poderia allegar? Mas simplesmente examinar o que há, e dar-lhe ordem, e methodo. Eis aqui o que é meu, o resto é dos escriptores, de quem o houve. Com estes dados considerarei em Portugal quatro épochas de pintura, umas mais, outras menos brilhantes: por via destas divisões será por ventura mais facil o formar um systemma historico desta boa-arte entre nós.

## É P O C H A I.

(*Seculos XI até XIV.*)

O erudito arcebispo Cenaculo, Barbosa, e outros modernos na investigação das antigui-

dades da pintura Portugueza conjecturárão muito, e com muita fadiga, mas pouco fructo. O desleixamento daquelles seculos meio-barbaros em se lembrar da posteridade com a historia de seu tempo, não deixa aos animos estudiosos, e amigos da glória patria, senão o desejo, e infructuoso trabalho de vagar sem rumo por um pelago de conjecturas, a qual mais vaga. Que Italia, e Portugal erão, nestas épochas remotas dos seculos XI, XII, e XIII, as provincias menos barbaras da Europa; seus monumentos publicos, templos, estatuas, e ainda livros o mostram. Alcobaca, e Santa Cruz de Coimbra são, além d'outras, incontrastaveis provas da minha assersão. Vivia entre nós a pintura; e vivia o melhor, que do gôsto do tempo se podia esperar. Quem exigir mais diffusão, pôde ver os citados Barbosa, e Cenaculo, e todos os allegados pelo moderno Taborda. O resultado philosophico de quanto disserão é em poucas phrases. — Que esta arte antiquissima entre nós remonta ao principio da monarchia. — Que barbara, e Gothica ao principio, se foi pouco, e pouco melhorando, ja pelas viagens dos nossos mestres á Italia, já pelas obras, e pintores, que de lá vinhão chamados pelo bom acolhimento, que lhes nossos monarchas fazião. — Que existem ainda deste tempo algumas pinturas, cujo auctor se ignora. — [Que nos reinados d'Affonso V, e João II ja tinhamos pintores

de nome, como Gonsalo Nuno, João Annes, e Alvaro de Pedro. — Que o stylo da nossa pintura deste tempo, era um mesclado de Gothico, e Grego-moderno semelhante ao de Cimabúe, Guido de Sienna, e Pedro Perugino. — O gôsto do *antigo*, que então começava a prevalecer na Italia, e que de lá se communicou a Portugal pela protecção, com que o amador das boas artes, D. Manoel especializou a pintura, assignala a segunda época, que se deve contar do XV seculo.

## É P O C H A II.

( *Seculos XV, e XVI.* )

« Em quanto a França se occupava em justas, e torneios, em discordias, e guerras civis, Portugal descobria novos mundos, fazia o commercio da Europa, e produzia um sem número de Camões, antes que em Paris houvesse um só Malherbe » diz Mr. Voltaire (*siecle de Louis XIV*), e devêra acrescentar que, antes que nascessem Le Brun, e Poussin, ja Portugal contava, na longa serie de seus pintores, Gram Vasco, Francisco de Hollanda, Claudio Coelho, e mil outros. D. Manoel chamado o feliz, foi o pae das sciencias, e artes; e, se João III contou no seu tempo mais sabios, que seu illustre antecessor, fructos forão, que em seu tempo ama-

durarão ; mas devidos ás fadigas do sementeiro , e cultor , o grande Manoel. Gram Vasco , Gonzalo Gomes , Fr. Carlos todos são deste tempo. O commercio , e conquistas da India tinham elevado o reino a um grau de opulencia , desconhecido então das outras nações. D. Manoel quiz eternizar-se com a fábrica do mosteiro de Belem ; conhecendo.

*Que d'acçoens immortaes se murcha a gloria ,  
Se a não regão as filhas da memoria.*

(DINIZ od.)

Os mancebos de mais esperanças forão mandados á Italia a aperfeiçoar-se na pintura. Affonso Sanches , Fernão Gomes , Manoel Campello , Christovão Lopez , e outros , voltárão aproveitados , e enriquecêrão , não só Belem , e Lisboa , mas o reino , e toda a Europa com suas primorosas obras. Veio depois Francisco de Hollanda , Diogo Pereira , e Claudio Coelho , que não deixárão ao seculo de Manoel , e João III (\*) que invejar ao de Luiz XIV. O stylo pomposo de Miguel Angelo , que tanto agradava ao genio altivo d'uma nação conquistadora , prevalecia muito entre os

(\*) Nunca pude affeiçoar-me a D. João III apesar da sua piedade , e bondade , apesar do seu amor das sciencias , protecção , que lhes deu , etc. etc. Donde virá isto ? Será do seu ainda maior amor , e do generoso accollimento , que fez á Sancta Inquisição ?

pintores Portuguezes, que nem por isso menos prezarão o desenho de Raphael, e o colorido de Ticiano, que ainda hoje se admira, em suas bellas composições.

É P O C H A III.

(*Seculo XVII.*)

Espirarão com D. Sebastião nas areas de Africa o valor, e espirito Portuguez; cairão as sciencias, esmorecerão as artes; e, com quanto os intrusos Philippes favorecião alguma cousa o talento; a abundancia, e riquezas, em cujo seio se creárão sempre os grandes ingenhos tinhão desamparado o reino, e sepultado a nação no lethargo politico, na miseria, e na ignorancia. As cinzas das sciencias fumejavão com tudo; e os últimos vislumbres d'um clarão moribundo, mas ainda grande, allumiárão ainda a Amaro do Valle, Estevão Gonsalves, José d'Avellar, e Bento Coelho. — Surgiu finalmente a independencia Portugueza depois de 60 annos de escravidão; mas o genio da nação estava muito abatido; éra necessario ainda o decurso de muitos seculos para o levantar. Vem-se com tudo desta quadra boas pinturas, supposto não mereção comparar-se com as de bom tempo de Campello, e Claudio. Bem como nos animos, reinava na pintura por estes desgraçados tempos

a servidão, e mau gôsto, que se limitava a copiar, e imitar com baixeza; e por ventura pela mesma razão, que nos fez desprezar a materna lingua, para escrevermos na Hespanhola: lisonja vil, e indigna do nome Portuguez, eterno opprobrio, e mancha de escriptores, alias benemeritos, como Faria, e Sousa, que enxovalhou sua fama com tal baixeza, e vituperio, (\*) e a marcou indelevelmente com o ferrête da sordida adulação; pernicioso mania, que tanto estragou o idioma de Camões, e Barros, e a tal ponto, que os exforços, e fadigas de tantos sabios, e philologos tem sido pouco para a restaurar.

É P O C H A IV.

(*Seculos XVIII, e XIX.*)

A longa paz do Reinado de D. João V, o commercio das colonias Americanas, as riquezas, e abundancia consecutivas fizeram reviver as artes, e sobre tudo a pintura, e architettura. Começou-se Mafra pela mesma razão, que se começára Belém: a Italia recebeu de novo muitos

(\*) E com effeito qual será o bom Portuguez, que possa perdoar a Faria, e Sousa o ter escripto as suas historias em Castelhana? Os seus taes e quaes commentarios a Camões, ao melhor dos escriptores Portuguezes, ao mais célebre da sua nação, na lingua dos oppressores da patria, dos tyrannos de Portugal?

alumnos Portuguezes ; e como Luiz XIV fizera em Roma ; fez João V , instituindo naquella cidade uma academia de pintura. Francisco Vieira Lusitano, Ignacio d'Oliveira, e muitos outros forão o digno fructo dos cuidados do monarcha, merecedor por seus bons desejos d'um seculo mais philosopho, e d'uma côrte menos hypocrita. Nestê estado de cousas começou a reinar D. José, e com elle o marquez de Pombal: tudo mudou de face; cahiu o colosso jesuitico, o reino d'Aristoteles, e a barbaridade Thomistica (\*); brillhou a pintura como a poesia, e as outras artes, e sciencias. O governo doce, e moderado de Maria I acabou de aperfeiçoar o que principiára, e adiantára D. José, e o marquez de Pombal, que na universidade de Coimbra (\*\*), em Mafra, no collegio dos nobres, e outras partes tinham instituido aulas de desenho, e pintura. D. Maria fundou a academia do nú; em seu tempo (\*\*\*) se instituiu a de desenho do Porto. A nenhum bom Portuguez devem esque-

(\*) Todos sabem que a philosophia Aristotelico-Thomistico-escholastica, tam querida de nossos avós, era o opposto diametral daquella deffinição de Seneca: *Non est philosophia populare artificium, nec ostentatione paratum. Non in verbis, sed in rebus est.* SENEC. Epist. XVII Ad Lucil.

(\*\*) Em Coimbra não teve effeito: dizem as más linguas, que por ser cousa de utilidade, e especie ommissa nos *ff.* e *Inst.*

(\*\*\*) Na regencia do actual reinante, e demencia da rainha.

cer os vigilantes cuidados do intendente Manique, a quem a pintura, a sculptura, e mais artes devem tanto em Portugal. Esta fertil época produziu um Pedro Alexandrino, Vieira Lusitano, Teixeira Barreto, Vieira Portuense, Sequeira, e muitos outros, cujos nomes callo, mas bem conhecidos pelas suas bellas producções. A verdade, a expressão, o bello natural são os caracteres dominantes nestes tempos.

PINTORES PORTUGUEZES DA I. ÉPOCHA.

(*Seculo XI até XIV.*)

Alvaro de Pedro viveu, e pintou na Italia pelos annos de 1450. Nada mais se sabe; mercês á incuria de nossos avoêngos. Oxalá que este miseravel, e vergonhoso exemplo sirva de estimulo a netos, que possão melhor que eu, transmittir á posteridade a memoria illustre de nossos coévos. Nota de passagem que o traductor da oração de Belori assevêra, com uma intrepidez que me espanta, serem de Gonsalo Nuno, ou Nuno Gonsalves as pinturas da capella de S. Vicente na sé de Lisboa. O mesmo dizem Francisco de Hollanda, e Bermudes.

João Annes. Deixadas conjecturas, nada mais sabemos deste pintor, senão que vivia pelos annos de 1450 por uma carta de privilegio dada por D. Affonso V. (*Vide* Taborda, e Cernaculo, etc.)

Vasco dito o grande (Gram Vasco). Sabemos por documentos daquelle tempo, que vivia ainda nos fins do XV. seculo. Seu stylo do antigo modo Florentino faz julgar aos sabedores, que estudára com Pedro Perugino. Desenho, ainda que rude, exacto, attitudes energicas, grande conhecimento de architectura, bellas paizagens são os caracteres deste insigne mestre, que fertil, e assiduo no trabalho enriqueceu todo o reino com seus primores. Muitos templos de Lisboa, o da Ordem de Christo em Thomar, e outros o attestão. Foi pintor de D. Affonso V, e segundo o traductor Portuguez de Belori, tambem de D. Manoel. Um periodico de Lisboa (que infelizmente se intitula Mnemosine Lusitana) quer que o melhor quadro de Vasco seja o da paixão de Christo no horto (em Thomar); pintura (diz elle) porque um Inglez philologo, dava 60 cruzados, e uma boa copia. Desejava de todo o meu coração, que o redactor, ou redactores tivessem, ao menos nisto, razão: em quanto a mim o amor da patria m'o faz crer facilmente.

**PINTORES PORTUGUEZES DA II. ÉPOCHA,**

(*Seculo XV, e XVI.*)

Gonçalo Gomes, de quem nada mais se sabe senão que vivia nos fins do seculo XV, foi

pintor de D. Manoel ; e a estimação , que este sabio rei delle fez , é o unico , mas relevante testemunho do seu merecimento.

Na chronica de D. Manoel é chamado Duarte Darmas *grande pintor* , e como tal enviado por ElRei a debuxar as entradas de Azamor , Salé , etc. (*Vide* Damião de Goes , *chron. de D. Man.* part. II , cap. 27 , pag. 208 , edição de 1819 .)

Firmado no proprio testemunho do auctor assevera ( e não sei se com razão ) Vicente Carducho , e com elle Taborda , que o nosso historiador Resende fôra tambem grande pintor. Não sei se a singelleza daquelles tempos é bastante para crermos um homem no artigo dos seus louvores.

Fr. Carlos , monge de S. Jeronymo vivia no principio do seculo XVI. Pintou no stylo de Bologonha , e sobre tudo no de Corregio. Ainda que Flamengo de origem , suas obras tem mais nobreza , que o commum daquella nação , sem deixar de ter sua bella simplicidade.

Gaspar Dias viveu pelos principios do XVI seculo. Mandado a Italia por D. Manoel a estudar os grandes modelos , e formar o stylo , sua alma elevada não se contentou d'outros mestres , que não fossem Raphael , e Miguel Angelo. Estudou-os , e mereceu imitá-los com dignidade.

Christovão d'Utrecht n. 1478 m. 1557.

Ainda que nascido em Hollanda, nossos escriptores o fazem Portuguez. Soube perfeitamente a perspectiva, e juntou ao gôsto de Perugino, e João Bellini a maior delicadeza, e harmonia de pincel.

Affonso Sanchês Coelho n. 1515, m. 1590. Dotado pela natureza de quanto constitue um grande pintor concebeu fortes desejos de passar á Italia, onde ouviu as lições de Raphael; honra, que bem mereceu por seu aproveitamento. Chamado por Philippe II á Hespanha ennobreceu Madrid, e sobre tudo o Escurial com suas pinturas. Um dos poucos exemplos do merecimento premiado foi este illustre Portuguez. João III de Portugal, Philippe II, Gregorio XIII, o grão duque de Toscana, o da Saboia, o cardeal Alexandre Farnese, o estimarão, enriquecêrão, e honrãrão á porfia. Sua alma bemformada escutou sempre a voz da natureza; e o philologo não excedeu nelle o homem. (*Vide Palomino, Bermudes, etc.*)

Fernão, ou Fernando Gomes, mandado á Italia por D. Manoel, e em consequencia vivendo no principio do seculo XVI, foi aproveitado discipulo de Miguel Angelo; e suas obras o provão bem.

Manoel Campello tambem enviado á Italia, e tambem do mesmo tempo. Ainda hoje se admirão em Belem nos seus quadros aquella correcção de desenho da eschola Romana, aquella grandeza

de stylo , que faz a glória de Miguel Angelo , seu mestre , e que a não faz menos do illustre discipulo. Estas brilhantes qualidades lhe granjeárão os elogios de todos os sabios nacionaes , e estrangeiros. (*Vid.* D. Francisco Manoel de Mello : *hospital das lettras* ; Guarenti , etc. )

Vasques ... viveu pelos annos de 1562. Poucos pintores souberão , como elle , anatomia tão necessaria para o bom desenho , e proporções , em que se aventajou , e que lhe dérão um mui distincto logar na historia da arte , apezar de seu stylo um pouco rude.

Christovão Lopes n. 1516 , m. ... O stylo pomposo de Miguel Angelo , que tanto agradava ao genio sublime , e elevado dos Portuguezes , foi o seu modelo ; e juntando a tam brilhante qualidade a expressão de Raphael , enriqueceu a Patria com as magnificas producções , que ainda hoje são admiradas depois de tantos seculos pelos sabedores , e amantes das boas- artes.

D. Leonor de Noronha da casa de Linhares , n. 1550 , m. 1636. De Duarte Nunes de Leão na *Descripção de Portugal* , e de Barbosa na *Biblioth. Lus.* sabemos só que pintou *excelentemente a oleo , e illuminação.*

Antonio de Hollanda , inventor da illuminação a pontos brancos , e pretos em Portugal ; e com tanto mais merecimento , que absolutamente ignorava a mesma descoberta , que então se começava na Italia. Delle disse o Imperador

Carlos V , que *mejor le abia sacado al natural Antonio de Holanda en Toledo de iluminacion, que Ticiaño en Boloña*. Bem pouco vale este elogio , porque homens desta classe nada entendem de ordinario de tudo o que póde ter algum valor , ou merecimento , tendo de mais a mais a presumpção do voto decisivo. Não consta porém , que Deus creasse mais que um Salomão , e como este *um* morreu ha muito tempo , e estes senhores se não dão o incommodo de fazer aquillo , que fazem os que não são Salomões , ou não tem a tal *infusa* , é bem claro o valor de semelhantes elogios. Carlos V porém ( façamos justiça ) posto que o mais odioso monarcha por seu cruel despotismo , não era com tudo o mais tolo , e algumas luzes lhes tinham ficado de senso commum , que se costumão apagar com a . . . .

Francisco de Hollanda floreceu pelo meio do seculo XVI. — Pintor , architecto , poeta , e philosopho. — Na Italia Paulo III , e todos os grandes , e sabios ; toda a Hespanha ; em Portugal João III , e toda a cõrte o estimarão , como merecia. ( Pois naquelle tempo tambem em Portugal se dava preço ao merecimento ! ) O muito , que se tem escripto sobre este memoravel Portuguez , me desobriga de mais extensa apologia. De sobejo lh'a fazem seus preciosos escriptos , suas pinturas , e toda a Europa. — De suas produccões é sem questão a obra - prima , o baptismo de S. Agustinho ( que ainda se conserva em cabeça

de morgado na casa de Castros) em que se admirão reunidos a sabia composição de Raphael, o desenho nobre, e altivo de Mig. Angel., e o bello colorido de Ticiano. — Julga-se que morreu em 1574.

PINTORES PORTUGUEZES DA III. ÉPOCHA,

(*Seculo XVII.*)

Diogo Pereira n. 1570, m. 1640. Trabalhó muito; e o desvalimento, em que sempre viveu, não lhe affrouxou as graças naturaes, e puras, que fazem a belleza de suas composições. Mas sobre tudo as scenas de horror forão o mimo do seu pincel. Tive o prazer de admira-lo muitas vezes em suas obras, que por decisiva prova de merecimento, são procuradas por altissimos preços para Italia, França, e Inglaterra.

Estevão Gonsalves Neto n. . . ., m. 1627. É delle o missal do convento de Jesus tam gabado pelas excellentes miniaturas, que o ornão. Soube bem o ornato, e perspectiva.

Amaro do Valle n. . . ., m. em 1619. Seu gosto é delicado; seu stylo grande, e expressivo; o desenho correcto; e assizada a perspectiva. Foi pintor de Philippe II.

José de Avelar Rebello viveu no tempo de D. João IV, que o condecorou com o habito de Aviz. Caracterizão suas obras (das quaes a

melhor é o *S. Jeronymo* da livraria de Belem) um stylo da grandeza de Mig. Ang., e um colorido de summa verdade.

D. Josepha de Ayala n. . . . , m. 1684. Um ingenho fertil, muita verdade, expressão vivis-sima são a característica de seus quadros, pela maior parte, de flores, e fructos; mas o seu grande genero foi o retrato.

Claudio Coelho n. . . . , m. 1693. Este homem tam grande, e tam conhecido tem sido abocanhado por muitos, e exagerado por alguns; mas a opinião geral o constitue n'um dos mais superiores graus entre os mais illustres pintores. Desenhou correctamente; coloriu, como Ticiano; e conheceu, como poucos, o effeito da perspectiva. Tudo isto se observa principalmente no seu primoroso quadro da sacristia do Escúriál bem divulgado pela moderna estampa de Bartholozzi. (*Vid. Palomin. Mus. Hist. pag. 440 até 444; o abbade Ponz. Viag. d'Espagn. Tom. V pag. 65 até 126; Bermudez Diccion. histor. Tom. I pag. 337 até 347; Bourgeois Tableau de l'Espagn. moderne Tom. I. p. 227.*)

Bento Coelho viveu no XVII. Grande facilidade, bom colorido, como o de Rubens, que imitou; pouca correção no desenho. Conservão-se ainda muitas de suas obras.

## PINTORES PORTUGUEZES DA IV. ÉPOCHA.

( *Seculo XVIII.* )

Victorino Manoel da Serra n. 1692 , m. 1747. Foi o primeiro , quem em Portugal introduziu o gôsto , e ornato Francez.

André Gonsalves , n. . . . , m. . . . Foi correcto no desenho , e bom no colorido ; mas seu merecimento principal é o de copista.

Ignacio d'Oliveira , n. . . . , m. 1781. Distinguiu-se sobre tudo pelos encantos do colorido : estudou em Roma , e trabalhou muito em Mafra.

Francisco Vieira Lusitano n. . . . , m. 1783. Estudou muito em Roma , aonde , por concurso , levou o premio da academia de S. Lucas. Foi grande na alegoria ; desenhou bem , coloriu divinamente , e teve muita expressão. Apesar de tudo o que a inveja , e a ignorancia tem suscitado contra este grande mestre , elle será sempre um daquelles , com que a pintura nacional mais se honra , e ennobrece. Vieira Lusitano é muito conhecido , para me obrigar a maior elogio.

Joaquim Manoel da Roxa n. 1730 , m. 1786. Distinguiu-se pela correcção do desenho , e muita expressão. Foi director da academia do *nu* , e professor na aula do desenho de Lisboa.

Francisco Apparicio n. . . . , m. 1787. Distinguiu-se muito no retrato; e, sobre tudo, por uma grande verdade de colorido. Estudou em França.

Luiz Gonsalves de Senna, n. 1713, m. 1790. Foi mui destro no pintar; e em Lisboa se vêem muitas obras suas de grande merecimento.

Jeronymo de Barros Teixeira n. em 1750, m. 1803. O stylo simplez, e natural, bom colorido, muita sciencia de claro-escuro, e de architectura, grande talento para o retrato o constitueu em mui distincto logar na ordem dos bons artistas.

Pedro Alexandrino de Carvalho n. 1730, m. 1810. Teve um pincel livre, viveza de côres, e maneiras engraçadas, e foi um dos directores da aademia do *nu*.

José Teixeira Barretto nasc. no Porto 1763, m. 1810. Estudou muito em Roma, e com grandes mestres. Seu stylo é caprichoso, mas bello. Foi lente de desenho na academia do Porto.

Francisco Vieira Portuense n. 1765, m. 1805. Foi primeiro-pintor da camera, e côrte, director do instituto de desenho do Porto, e estimado, e honrado de toda a nação, e das estrangeiras, principalmente da Ingleza. Foi premiado pela academia de Londres. Pintou no stylo do Guido, e Albano; e, no seu

genero , não deixou aos Portuguezes nada que invejar ás outras nações.

F I M.

## ADVERTENCIA.

Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém esta minha repugnancia não é filha de presumpção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nasce da persuasão, em que estou, de que a justificação d'uma cousa está na maneira por que essa cousa se faz. E applicando esta generalidade ás composições litterarias, cada vez me convenço mais que os prologos, prefacios, avisos a leitores, etc. nada fazem, nem fizeram, nem farão nunca ao conceito, que da obra se fórma.

E principio foi este, por que na faxada do meu poema não puz tal cerimonia. Revendo-o porem agora, examinando este Ensaio, e conhecendo-lhe infindos defeitos, que me tinham escapado; sendo me impossivel emenda-los; resolvo me a dar satisfação; não para pertender justifica-los, e salvar me da critica com subtilezas, e argucias; mas para fazer confusão pública delles.

Se me é licito porem dizer duas palavras em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infancia poetica; são compostos na idade de dezasette annos. Isto não é impostura: sobejas pessoas

ha hi, que m'o virão começar, e acabar então:  
É certo que desde esse tempo ategora, em que  
conto quasi vinte e dous, por tres vezes o  
tenho corrigido; e até submettido á censura  
de pessoas doudas, e de conhecida philologia,  
como foi o Excellentissimo Senhor S. Luiz,  
quo me honrou a mim, e a este opusculo com  
suas correccões. Mas todos estes cuidados não  
pudérão (em quanto a mim) tirar-lhe o vicio  
do nascimento.

Exaqui a minha confissão geral. Os que  
me absolverem ficar-lhes-hei muito obrigado;  
os que não quizerem; paciencia; não me  
mato por isso. Comecei esta obrinha por  
desenfado: acabei-a por divertimento: pu-  
blico-a por amor das artes: se me critica-  
rem, rio-me, e não fico mal com ninguem,



